



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES - FALLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

MARIA GABRIELLA DE LIMA FREIRE

**EU ESCREVO SOBRE O CORONEL: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM
PRINCIPAL NA OBRA *NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL*, DE GABRIEL
GARCÍA MÁRQUEZ**

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

MARIA GABRIELLA DE LIMA FREIRE

**EU ESCREVO SOBRE O CORONEL: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM
PRINCIPAL NA OBRA *NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL*, DE GABRIEL
GARCÍA MÁRQUEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao curso de
Licenciatura Plena em Letras Português
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Letras Português.

Área de concentração: Literatura
hispanoamericana.

Linha de pesquisa: Teoria Literária;
Estudos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. José Dantas da Silva Júnior.

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866e

Freire, Maria Gabriella de Lima.

Eu escrevo sobre o coronel: uma análise da personagem principal em Ninguém escreve ao coronel, de Gabriel García Márquez

[manuscrito] / Maria Gabriella de Lima Freire. - 2024.
62 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. José Dantas da Silva Júnior, Coordenação do Curso de Letras Espanhol - FALLA".

1. Análise literária. 2. Literatura latino-americana. 3. Morte. 4. Velhice. 5. Violência. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MARIA GABRIELLA DE LIMA FREIRE

EU ESCREVO SOBRE O CORONEL: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM
PRINCIPAL NA OBRA NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL, DE GABRIEL
GARCIA MARQUEZ

Monografia apresentado à
Coordenação do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras
Aprovada em: 21/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Sandrelle Rodrigues Costa** (***.481.884-**), em **25/11/2024 14:28:17** com chave **a85e690aab5211efacda1a7cc27eb1f9**.
- **José Dantas da Silva Júnior** (***.773.604-**), em **25/11/2024 14:25:04** com chave **35352810ab5211efb27d1a7cc27eb1f9**.
- **Itamaray Nascimento Cleomendes dos Santos** (***.739.315-**), em **25/11/2024 14:28:13** com chave **a5f17e5aab5211efbfd81a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir. **Tipo de Documento:** Termo de Aprovação de Projeto Final
Data da Emissão: 27/11/2024
Código de Autenticação: 77aae7



À minha mãe, que apesar das dificuldades
sempre acreditou em dias melhores, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cleide, por todo amor, apoio e carinho do mundo. Mas principalmente, pela sua história de vida, pela mulher forte e determinada que é. E quando eu crescer quero ser 1% igual. Agradeço por sempre ter acreditado em mim e nos meus sonhos, por ter movido céus e terras para que eles se tornassem realidade. A carta do Coronel pode não ter chegado, mas o *nosso* diploma, enfim, chegou. Essa realização é para você!

Ao meu cachorrinho e fiel companheiro Toby Tobias, que me acompanha desde a infância e que permaneceu ao meu lado, e aos meus pés, durante as madrugadas de escrita e leitura. Sinto que nosso companheirismo é parecido com o do galo e do Coronel e transcende essa vida.

Aos meus amigos, Gyrlene, Marta e Wesley que estão ao meu lado desde o fundamental, embora o destino tenha nos colocado em lugares diferentes, sempre me apoiaram e me ajudaram nos momentos que mais precisei, até nas loucuras. Desejo que a nossa amizade perdure por muitos e muitos anos e que tenhamos muitas histórias malucas para contar aos nossos filhos e netos. Também quero agradecer a Renan, amigo designer, que pensou e formulou a identidade visual do meu TCC. O meu galo, certamente, é o mais bonito e estiloso das rinhas mundo afora.

Aos meus colegas de jornada acadêmica, Adrielly, Camila e Gabriel, que estão comigo desde o primeiro semestre enfrentando os perrengues, os cancelamentos acadêmicos, as risadas e todas as oportunidades boas que surgiram durante essa jornada. Aquele velho clichê “da faculdade para vida” é uma certeza absoluta na nossa amizade.

Ao meu orientador, prof. Junior pelo empenho dedicado à realização deste trabalho e por ter acreditado e embarcado nessa loucura de orientar uma aluna de Letras Português obcecada por Gabriel García Márquez. A gratidão será eterna!

À banca, por toda a contribuição e orientações necessárias. Sou extremamente privilegiada por ter duas mulheres competentes, apaixonadas pela profissão e inspiração, para o corpo docente e discente da UEPB, enquanto educadoras e pesquisadoras. Obrigada!

A todos que direta ou indiretamente participaram da construção deste trabalho, que escutaram e suportaram minhas conversas incessantes sobre Gabriel García Márquez.

A Gabriel García Márquez pelas suas obras e pelo amor à literatura, sem ele, a materialização desse trabalho não seria possível. E ao Coronel, pois, aparentemente, tem sim *alguém que escreva para ele*

“As coisas têm vida própria [...] é só questão de despertar suas almas.” (Márquez, 2022, p.07).¹

¹ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem Anos de Solidão*. Tradução de Danúbio Rodrigues. Rio de Janeiro, Record. 34ª ed. 2022.

RESUMO

Este trabalho examina diversos aspectos da obra *Ninguém Escreve ao Coronel* (1961), de Gabriel García Márquez, dentro do contexto da literatura latino-americana e das condições sociopolíticas colombianas. Partindo da problemática da marginalização e distorção cultural da América Latina, o estudo tem como objetivo geral analisar a personagem do Coronel sob as lentes do silêncio, da velhice, da violência e da morte, explorando as influências da solidão e do tempo em sua existência. A metodologia adotada envolve uma análise literária, fundamentada em aportes teóricos de Bauman (2008) sobre a morte, Sêneca (2017) e Cícero (2021) sobre o tempo e a velhice, e estudos de Minois (2019) e Medeiros (2016) sobre solidão e poder. Além disso, as contribuições de Candido (2009) sobre construção de personagens ajudam a dissecar a narrativa, enquanto a leitura da biografia de Márquez ilumina a influência de sua vida em sua obra. A pesquisa contribui ao identificar uma lacuna nos estudos acadêmicos sobre Márquez, explorando perspectivas ainda pouco abordadas sobre a personagem do Coronel e os temas de morte e solidão. Como conclusão, o estudo propõe que *Ninguém Escreve ao Coronel* transcende a condição do homem latino-americano para uma dimensão universal de espera, resistência e anseio por justiça, sugerindo-se como base para novas investigações sobre o autor e suas obras.

Palavras-chave: ninguém escreve ao Coronel; Gabriel García Márquez; personagem protagonista.

RESUMEN

Este trabajo examina diversos aspectos de la obra *El coronel no tiene quien le escriba* (1961), de Gabriel García Márquez, en el contexto de la literatura latinoamericana y las condiciones sociopolíticas colombianas. Partiendo de la problemática de la marginación y distorsión cultural de América Latina, el estudio tiene como objetivo general analizar al personaje del Coronel a través de las lentes del silencio, la vejez, la violencia y la muerte, explorando las influencias de la soledad y el tiempo en su existencia. La metodología adoptada incluye un análisis literario fundamentado en los aportes teóricos de Bauman (2008) sobre la muerte, Séneca (2017) y Cicerón (2021) sobre el tiempo y la vejez, y estudios de Minois (2019) y Medeiros (2016) sobre la soledad y el poder. Además, las contribuciones de Candido (2009) sobre la construcción de personajes ayudan a diseccionar la narrativa, mientras que la lectura de la biografía de Márquez ilumina la influencia de su vida en su obra. La investigación contribuye al identificar una laguna en los estudios académicos sobre Márquez, explorando perspectivas aún poco abordadas sobre el personaje del Coronel y los temas de muerte y soledad. Como conclusión, el estudio propone que *El coronel no tiene quien le escriba* trasciende la condición del hombre latinoamericano hacia una dimensión universal de espera, resistencia y anhelo de justicia, sugiriéndose como base para nuevas investigaciones sobre el autor y sus obras.

Palabras clave: *el coronel no tiene quien le escriba*; Gabriel García Márquez; Personaje protagonista.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 “O GABITO É UM CASO PERDIDO: DO ZERO AO PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA”	13
2.1 Fontes: as vozes de pessoas da cabeça - e da vida- de Gabriel García Márquez	15
2.2 Gabriel García Márquez: desatando o <i>nó(s)</i> latino-americano	18
3 TAMBÉM NÃO ESPERAVA NADA – MENTIU [...] – EU NÃO TENHO QUEM ME	20
ESCREVA	20
4 A VIOLÊNCIA COLOMBIANA NA OBRA DE GARCÍA MÁRQUEZ	25
4.1 A Guerra dos Mil Dias	27
5 OS CORONEIS DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	29
5.1 A decrepitude de um velho Coronel	30
5.2 Está tudo assim – murmurou. - Estamos apodrecendo vivos	36
5.3 Nunca é tarde para nada – filosofou o Coronel.....	38
5.4 A única certeza na vida é a morte, Coronel	41
5.5 Zangou-se o Coronel, pela primeira vez dando-se conta da sua solidão	44
6 A SIMBOLOGIA MARQUEZIANA	48
6.1 Outubro era uma dessas raras coisas que chegavam	49
6.2 O galo ou a vida, Coronel.....	51
7 CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

As obras literárias produzidas por Gabriel García Márquez, buscam de alguma forma, invocar os espíritos da cultura latino-americana, sobretudo a literatura, tão marginalizada e esquecida ao longo dos séculos. Por vezes, a expressão literária, em particular narrativas europeias, retratam a memória da América Latina de forma estereotipada, utópica, sustentada pela figura imperialista do colonizador, não traduzindo de forma fidedigna a identidade dos povos originários. Na contramão dessa visão, as personagens e o universo ficcional criado por Gabriel García Márquez evocam dores, amores, belezas, solidões e interpretações próprias de uma realidade identitária cada vez mais solitária, cada vez mais desconhecida.² A criação do escritor colombiano demonstra “a energia de beleza que nos pertence por completo, e com a qual nos bastamos nós mesmos, que não poderá ser domesticada nem pela voracidade imperial, nem pela brutalidade do opressor interno” (Márquez, 2011, p. 36).

A materialização deste trabalho surge a partir da experiência de uma leitura despreziosa de *Cem Anos de Solidão* (1967), no final de 2022. O contato com o povoado de Macondo, a família Buendía e todas as outras personagens e situações da narrativa ficcional de Gabriel García Márquez trouxeram um certo respiro, um conforto, após dois longos anos de obscurantismo político e social, advindos da pandemia da Covid-19. Conforme afirma Candido (2012), o direito à imaginação, experienciada através da literatura, é intrínseca à natureza humana, uma vez que “não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2012, p. 18). A beleza e poesia do universo de García Márquez provocaram uma certa inquietação— e até obsessão — em minha vivência acadêmica, remando totalmente contra a maré da grade curricular do curso de Letras Português, pautada, sobretudo, em estudos da literatura brasileira e portuguesa. A leitura de *Ninguém Escreve ao Coronel* (1961), objeto de análise deste trabalho, entrou para o hall de obras que instigou ainda mais o interesse pelo autor colombiano e a forma como os povos latinos aparecem em seus livros. Além disso, a construção deste trabalho permitirá agregar nos estudos literários voltados às pesquisas e análises das obras de Gabriel García Márquez.

Em uma conversa/entrevista com o também escritor Mário Vargas Llosa e, posteriormente, publicada no livro *Dois solidões: um diálogo sobre o romance na América*

² Adaptação do trecho do discurso “A solidão da América Latina”, declamado por García Márquez, em 08 de dezembro de 1982, na cidade de Estocolmo, Suécia, na cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de Literatura, presente na obra *Eu não vim fazer um discurso* (2011), publicada pelo Grupo Editorial Record

Latina (2022), Gabriel García Márquez aponta a condição solitária do homem, sobretudo, o latino-americano. Para o autor, “o homem está completamente sozinho” (Llosa, Márquez, 2022, p. 42), compreendendo a solidão como “parte essencial da natureza humana” (Llosa, Márquez, 2022, p. 42). Assim, pensando no isolamento da América Latina, do tempo perdido em cima de certas situações e do medo iminente da morte e da violência, surge a novela *Ninguém escreve ao Coronel* (1961).

Além disso, Gabriel García Márquez (2022), aponta que a motivação para escrever suas obras, em especial, *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), surge a partir do cenário de violência – física e psicológica – que acompanha a sociedade colombiana. Dessa forma, ao cenário violento apontado por Márquez (2022) aparece como pano de fundo para a construção da personagem do Coronel no decorrer desta narrativa. Em um primeiro momento, a violência psicológica aparece por parte do Estado ao não escrever (uma afirmativa ou negativa) ao Coronel, sobre o tempo perdido à espera da pensão que lhe corresponde por lei e direito pelos serviços prestados à época da Guerra dos Mil Dias. Para além disso, observa-se a opressão física como causa da morte do seu filho Agustín pelos ditadores que governavam o país. Como afirma Ángel Rama (1972, p. 201), “Ninguém escreve ao Coronel é a intenção e apresentação de García Márquez na literatura da violência de seu país”.³

Por fim, de acordo com Gabriel García Márquez (2023), desenvolver o tempo em suas narrativas é o “seu maior problema de vida e de morte” (Márquez, 2023, p. 113), trazendo sempre em suas obras um tempo próprio, não linear. Na obra aqui analisada, durante um longo período (sessenta anos), o Coronel e sua esposa esperam uma resposta, vinda pelo correio, do Governo em relação ao pagamento de sua aposentadoria. No entanto, todas as sextas-feiras durante a entrega das correspondências o carteiro repete, semana após semana “Nada para o Coronel” (Márquez, 2022, p. 18).

A obra *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), novela⁴ escrita por García Márquez, traz em si, através de um tom satírico e crítico, a história da personagem principal, o Coronel, além das marcas da violência e as dificuldades burocráticas que assolam a sociedade cívico-militar. Assim, acreditando em uma justiça divina e dos homens, o Coronel ancora-se nas sombras de uma temporalidade passada e uma incerteza do futuro. A expectativa do Coronel agarra-se

³ No original: “Él coronel no tiene quién le escriba es el intento y la presentación de García Márquez em la literatura de la violencia de su país”;

⁴ Neste trabalho, a obra é descrita como novela por se tratar de um romance curto, no entanto, na ficha catalográfica do livro utilizado como *corpus*, os editores a reconhecem como conto.

também na figura do galo de briga visto por ele, pelos amigos do filho e pelo restante da comunidade onde vivem, como “galo de ouro”. Além disso, a sombra da morte permeia o casal, tanto a deles, quanto a do filho Agustín, morto em uma batida policial no salão de bilhar, enquanto distribuía bilhetes subversivos.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar a personagem principal da obra *Ninguém Escreve ao Coronel* (1961), sob a perspectiva do silêncio, da violência e da velhice, pois há uma escassez de discussões acadêmicas que dialogam com a perspectiva aqui analisada. Além disso, este trabalho também analisará a influência do tempo, da solidão e da morte na vida da personagem.

Desse modo, busca-se investigar a relação desses elementos no Coronel com a sociedade latino-americana. Para tanto, o aporte teórico tem respaldo nos estudos de Bauman (2008), acerca da morte, Sêneca (2017), com os seus conceitos sobre o tempo e a brevidade da vida, Cícero (2021) acerca da velhice e suas implicações, e a solidão a partir de Minois (2019) e Medeiros (2016), sobre o silêncio e as instituições de poder. Ademais, a partir da leitura da biografia do próprio Gabriel García Márquez (2023), pretende-se traçar linhas sobre a sua escrita, e de como pontos de sua vida influenciam suas histórias. Além disso, analisamos a construção da personagem dentro da novela, utilizando os estudos de Candido (2009) acerca das características que marcam sua existência na narrativa.

É importante pontuar que os títulos de cada seção e subseção trazem referências a trechos retirados da obra analisada, a fim de deixar mais claro cada análise e de como eles aparecem no interior da narrativa. Este trabalho organiza-se da seguinte maneira: 1. Introdução: abordando um pequeno resumo do que será discutido ao decorrer deste trabalho; 2. “O Gabito é um caso perdido: do zero ao Prêmio Nobel de Literatura” aqui, busca-se traçar uma pequena linha cronológica da vida pessoal de Gabo e das influências que permeiam a sua obra; 2.1 Fontes: vozes de pessoas da cabeça - e da vida - de Gabriel García Márquez, neste tópico, objetiva-se mostrar as referências explícitas e implícitas de aspectos reais da vida do autor dentro da obra *corpus* deste trabalho, uma vez que entendendo esses pontos, o leitor tem uma leitura mais aberta e fácil da história; No tópico seguinte, intitulado 2.2 . Gabriel García Márquez: desatando o nó(s) latino-americano debatemos a importância do autor em escrever a realidade latino-americana em suas obras, visto que, à época, a literatura ainda era eurocêntrica e os autores que se arriscavam em escrever sobre a temática não eram lidos por todos. Adiante, no tópico 3. Fico sempre na espera desse novo amanhã que nunca chegou: Nada para o Coronel, abordamos o ponto principal da obra: a espera da personagem do Coronel

sobre a resposta do Governo acerca da sua aposentadoria vitalícia pelos serviços prestados ao Estado durante a Guerra. Na sequência, no tópico 4. A violência colombiana na obra de García Márquez, abordaremos um tema inerente a – quase – todas as obras marquezianas: a violência na Colômbia aparece e afeta a escrita do autor. Na seção 5, denominada Os coronéis de Gabriel García Márquez, tratar-se-á do “coração” das narrativas de Márquez. A personagem do Coronel é extremamente importante para a construção da nossa obra de análise, visto que é a personagem principal e por onde toda a história gira.

Na subseção 5.1 a decrepitude de um velho coronel, partirei para a análise acerca da complexidade que rodeia o Coronel e sua – miserável – existência. Adiante, no subtópico 5.2. Está tudo assim – murmurou – Estamos apodrecendo vivos, discutirei brevemente a relação entre as doenças e a miséria da família. Em seguida, o tópico 5.3. Nunca é tarde para nada – filosofou o Coronel, trará à luz, a questão sobre o tempo e a perda dele dentro da narrativa. A seguir, em 5.4. A única certeza na vida é a morte, coronel, abordarei a presença da morte na vida do protagonista, principalmente a de seu filho Agustín. Além disso, no tópico 5.5. A solidão do Coronel, analisarei a condição solitária dessa personagem. Em seguida, no tópico 6 A simbologia marqueziana e nos subtópicos 6.1 “Outubro era uma dessas raras coisas que chegam” e 6.2 “O galo ou a vida, Coronel” trarei aquilo que de mais intrínseco à Gabriel García Márquez: os símbolos, a misticidade que eles carregam.

2 “O GABITO⁵ É UM CASO PERDIDO: DO ZERO AO PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA”

Gabriel García Márquez, ao ser questionado por Mário Vargas Llosa para quem ele servia como escritor, publicado no livro *Duas solidões: um diálogo sobre o romance na América Latina* (2022), responde que “Tenho a impressão de que comecei a ser escritor quando me dei conta de que não servia para nada.” (2022, p.37). Assim, contrariando as ordens e expectativas de seu pai de ter um filho com diploma em Direito⁶, e seguindo as incertezas caóticas de sua vida pelas ruas de Barranquilla e Cartagena das Índias, Gabriel José García Márquez (1928-2014)⁷ inicia a jornada literária daquele que seria Prêmio Nobel de Literatura (1982) e um dos autores mais significativos da literatura mundial. Aos 23 anos, Gabriel García Márquez já havia publicado alguns contos em suplementos literários da Colômbia e acabava de descobrir o cheiro amargo de um dos seus amores contrariados: a literatura.

A priori, é importante mencionar que o foco desta pesquisa não é a autobiografia do autor colombiano, no entanto, faz-se imprescindível traçar um percurso literário a fim de entender o processo de escrita de Gabriel García Márquez, uma vez que a obra escolhida como *corpus* deste trabalho aparece em um momento delicado de sua vida, bem como a importância que pontos da sua infância até a velhice acabaram ganhando algumas linhas em muitos de seus livros.

Antes de se tornar o grande escritor de *Cem Anos de Solidão* (1967), *O amor nos tempos do Cólera* (1987), *Ninguém escreve ao Coronel* (1961) e tantas outras obras, Gabriel García Márquez escrevia em um pequeno jornal de Barranquilla, o *El Heraldo*. Sua pretensão não era escrever romances, contos, crônicas etc., para o autor “nunca tinha me ocorrido que poderia ser escritor.” (Márquez, 2011, p. 13). Mas, ao ler um artigo que criticava a falta de jovens escritores, publicado no *El Espectador*, de Bogotá e o qual ele se tornaria redator anos mais tarde, com um “sentimento de solidariedade” (2011, p. 13), García Márquez decide enviar um conto sem muitas pretensões e na semana seguinte vê-se estampado e elogiado pelo diretor

⁵ Apelido dado por amigos e familiares;

⁶ Gabriel García Márquez inicia a sua autobiografia a partir de uma viagem com a sua mãe de volta à Aracataca (Colômbia), para vender a antiga casa dos Márquez-Iguarán. Na ocasião, D. Luísa Márquez, mãe de Gabo, expõe a tristeza do Sr. Gabriel Elígio García, seu pai, ao descobrir que Gabo abandonara a carreira universitária para se tornar escritor.

⁷ Em alguns documentos acadêmicos, registra-se o nascimento de Gabo em 1928, no entanto, o autor nasceu em 1927. De acordo com Rafael Ulloa (Paternostro, 2021), primo de Gabito, o próprio Gabriel García Márquez decidiu mudar o ano de seu nascimento para que coincidissem com o “massacre das bananas”.

do jornal, que firmou que com o conto enviado “surgia um gênio na literatura colombiana” (2011, p. 13). Assim, a escrita de Gabriel García Márquez já traçava as linhas do seu futuro.

Em contrapartida, a relação de Gabriel García Márquez com a literatura não traçava as linhas gloriosas que ele esperava. Em 1955, García Márquez envia para uma editora da Argentina seu primeiro romance *La Hojarasca*⁸ que não obteve uma boa recepção pelos editores “Veja, Señor García, dedique-se a outra coisa, porque o senhor não serve para isso.” (Paternostro, 2021, p. 76). O autor, então, dedica-se à sua outra paixão contrariada: o jornalismo. No mesmo ano da recusa de *La Hojarasca* (1974),⁹ Gabriel García Márquez escreve seu primeiro artigo no jornal *El Espectador* que anos mais tarde seria publicado como o romance *Relato de um Naufrago* (1970). A partir disso, a literatura já havia rompido as linhas que o próprio Gabriel García Márquez delimitou.

Em 1961, García Márquez estava escrevendo *La mala hora*¹⁰ quando precisou deixá-lo de lado, pois viu sobressair uma personagem que exigia uma obra própria. Dessa forma, surge a história de um velho Coronel, que esperava incessantemente uma resposta do Governo sobre a sua aposentadoria de ex-combatente. O escritor colombiano “escreveu *Ninguém escreve ao Coronel* em parte para abrir espaço para *O Veneno da Madrugada* e em parte para exorcizar literariamente seus problemas comuns na época: como seu personagem, ele não sabia se comeria no dia seguinte e estava sempre esperando uma carta, uma carta que nunca chegava.” (Paternostro, 2021, p. 111).

Após largar tudo e resistir a 18 meses ininterruptos de trabalho, com o apoio de Mercedes Barcha, sua companheira de vida, o autor publica a obra *Cem Anos de Solidão* (1967), e inaugura um dos movimentos mais significativos da literatura universal: o realismo mágico/fantástico¹⁰, com uma linguagem única, inúmeras descrições de lugares e personagens extremamente humanos e conflitantes. Gabriel García Márquez faz explodir, concomitantemente a seus contemporâneos literários, o chamado *boom latino-americano* “como o próprio nome sugere, foi uma explosão de criatividade literária na América do Sul nos anos 1960” (Canton, *et al.*, 2016, p. 282).

⁸ Traduzido no Brasil por Joel Silveira para *A Revoada (o enterro do diabo)* e publicado pelo Grupo Editorial Record;

⁹ Gabriel García Márquez envia o original para a editora em 1955, mas só em 1974 a obra viria a ser publicada;

¹⁰ A obra foi publicada no Brasil sob o título de *O veneno da madrugada (a má hora)* pelo Grupo Editorial Record, com tradução de Joel Silveira;

¹⁰ Segundo Todorov “o conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário” (1975, p. 16). Trata-se de abordar “duas narrativas em uma”: de um lado, uma realidade imaginada, permeada pela presença de elementos míticos, folclóricos e, do outro, um evento real, concreto. Uma coexiste em relação à outra. Nessa narrativa em específico, o autor colombiano inova ao relacionar histórias de sua vida e acontecimentos sobrenaturais incomuns à existência humana real.

Assim, pelo conjunto de suas obras e da sua contribuição literária para o mundo, marcando o ápice de sua trajetória, Gabriel García Márquez é agraciado a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982, na Suécia. Para se entender as narrativas, torna-se necessário, além de conhecer um pouco da trajetória do autor, conhecer o que está por trás do escritor colombiano.

2.1 Fontes: as vozes de pessoas da cabeça - e da vida- de Gabriel García Márquez

Os livros de Gabriel García Márquez têm como referência pessoas, lugares e histórias vivenciadas pelo próprio escritor latino-americano. Conforme aponta Silva Júnior (2022), muito do processo de escrita do autor advém de imagens, visões e relatos de sua origem em Aracataca.

Consoante Vargas Llosa (2022, p. 15): “[...] quase toda a obra de García Márquez é elaborada com esses materiais que foram alimento da sua infância”. Podemos tomar como exemplo o conto *A sesta da terça-feira*, presente na obra *Os funerais da Mamãe Grande*¹¹(2021). Segundo relato do próprio autor: “Eu sempre parto de uma imagem. *La siesta del martes*, que considero meu melhor conto, surgiu de uma visão de uma mulher e de uma criança vestidas de preto, caminhando debaixo de um sol quente em um povoado/cidade deserto” (Márquez *apud*. Silva Junior, 2022, p. 19). Ainda de acordo com Gabriel García Márquez “aquela visão me perseguiu durante anos, como um sonho unânime que o povoado inteiro viu passar pelas janelas, até que consegui exorcizá-la em um conto” (2023, p. 27). Nesse sentido, percebe-se que, nas linhas e páginas da literatura de Gabriel García Márquez, geralmente são extremamente povoadas com muitas personagens, não são por acaso, pois a vida do autor também foi rodeada de pessoas e histórias.

Outro exemplo é a narrativa presente na obra *O amor nos tempos do Cólera* (2023)¹², em que García Márquez se apropria de nomes e lugares reais, misturando com ficção, para contar a história do amor contrariado entre Luísa Santiago, sua mãe, e Gabriel Elígio, seu pai. A partir dessa exposição, ao conhecermos a vida do autor colombiano é possível fazermos algumas inferências de sua vida pessoal ao realizarmos leituras das suas obras.

Em grande parte das obras de Gabriel García Márquez notamos a presença de personagens de Coronéis, não por coincidência. Todos são inspirados em seu avô materno,

¹¹ No original *Los funerales de la Mamá Grande* (1962). Trad. de Édson Braga;

¹² No original *El amor em los tempos del cólera*. Trad. de Antonio Callado;

Nicolás Ricardo Márquez Mejía, coronel liberal que lutou na Guerra dos Mil Dias ¹³ e por quem Gabriel García Márquez foi criado até os 8 anos de idade. García Márquez relata que todos o tiveram como referência, por exemplo, o Coronel Aureliano Buendía e o Coronel de *Ninguém escreve ao Coronel*. Além disso, “ ‘a história do Coronel e seu galo sai do romance, confessou García Márquez a Plinio’, a origem desta história era uma imagem: em Barranquilla, García Márquez havia visto algumas vezes, em frente ao mercado de pescados, um homem apoiado em uma varanda, em uma atitude de espera. Esta figura enigmática lhe sugeriu uma personagem: um ancião que espera algo, incansavelmente.”¹⁴ (Llosa, 1971, p.46).

Em *Ninguém Escreve ao Coronel*, acompanhamos a saga de um Coronel veterano aposentado, que presenciou a assinatura do Coronel Aureliano Buendía no Tratado de Neerlândia¹⁶ e que aguarda uma correspondência vinda do Governo com uma tratativa sobre a sua pensão vitalícia pelos serviços prestados durante a Guerra dos Mil Dias. Além disso, notamos a degradante condição de vida em que esse senhor vive com sua esposa e um galo. Um ponto a ser destacado é o quanto a narrativa é inspirada em situações reais, assim, podemos notar a presença de três referências da vida do autor colombiano que ganharam as páginas da obra. Enquanto estava escrevendo a obra, García Márquez vivia em Barranquilla igual a sua personagem, sem saber se ia comer, sobrevivendo com o mínimo e esperando uma carta enviada pelos seus amigos com uma quantia em dinheiro.

Além disso, a triste história vivenciada pela personagem de fato aconteceu na família do autor. Como conta Gabriel García Márquez em sua autobiografia, assim que a lei de pensões de guerra foi apresentada, seu avô: “preencheu os requisitos para obter a sua, e tanto ele como sua esposa e seus herdeiros mais próximos continuaram esperando por essa pensão até a morte” (Márquez, 2023, p. 78). Sobre a promessa de aposentadoria, o Coronel, assim como o seu avô:

[...] Começara a ouvi-lo no dia seguinte ao Tratado de Neerlândia, quando o Governo prometeu auxílio de viagem e indenização a duzentos oficiais revolucionários. [...] Depois cada qual voltou para casa por seus próprios recursos e ali continuou aguardando; e quase sessenta anos após o Coronel ainda esperava (Márquez, 2022, p. 37).

¹³ “Nome dado a um conflito armado civil que durou cerca de mil dias, de 1899 a 1902.” (Paternostro, 2021, p. 27).

¹⁴ Traduzido do original: “‘La historia del coronel y su gallo se me sale de la novela’, le confesó García Márquez a Plinio. El origen de esta historia era una imagen: em Barranquilla, García Márquez había visto algunas veces, frente al mercado de pescados, a um hombre apoyado en uma baranda, em actitud de espera. Esta figura enigmática le sugirió um personaje: um ancianoo que espera algo, inacabablemente.”; ¹⁶ Documento que decretou o fim da guerra mencionada.

A avó do autor, a senhora Tranquilina Iguaran, teve esperanças de receber o dinheiro até o último momento “Morro tranquila, porque sei que vocês receberão a pensão de Nicolasito” (2023, p.71). Eles nunca receberam. A aposentadoria, de acordo com Gabo, “Semeou na família o germe das ilusões eternas” (2023, p. 71). Notamos essa obstinação na personagem principal da obra, que acredita piamente que a sua aposentadoria chegará, mesmo após 15 longos anos de espera:

– Falta pouco para que chegue a pensão – lembrou o marido. – Há quinze anos que você está falando isso. – Por isso mesmo – argumentou o Coronel. – Agora não pode mais demorar. Ela ficou em silêncio. Quando tornou a falar, pareceu ao marido que o tempo não havia passado. – Tenho a impressão que esse dinheiro não chegará nunca – disse ela. – Chegará (Márquez, 2022, p. 90).

É imprescindível, ao falarmos sobre referências em Gabriel García Márquez, citar três personagens que aparecem em momentos importantes das narrativas do autor: Álvaro Fuenmayor, Gérman Vargas e Alfonso Cepeda Samudio,¹⁵ que foram imortalizados no último capítulo de *Cem anos de solidão* (1961) como “os primeiros e últimos amigos que teve na vida.” (Márquez, 2022, p. 416). Além disso, os três também foram fundamentais na obra *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), em que aparecem como amigos de Agustín e guardiões do galo.

A escrita de Gabriel García Márquez, além de ser rodeada de próprios relatos, também é tomada por histórias contadas por outras pessoas. Como, por exemplo, uma das cenas presentes em *Ninguém escreve ao Coronel*, em que a esposa do Coronel ferve pedras na panela para que os vizinhos pensem que eles têm algo para comer, quando na verdade eles viviam em constante escassez alimentícia:

[...] O Coronel amargurou-se. – De modo que todo mundo agora sabe que a gente está passando fome. – Estou cansada – balbuciou. – Os homens não veem os problemas de casa. Várias vezes botei pedra para ferver a fim de que os vizinhos não soubessem que levamos dias e dias sem pôr panela no fogo (Márquez, 2022, p. 63).

De acordo com seu amigo Camilo Martínez, Gabriel García Márquez “ouve histórias e se apossa delas e as coloca em seus livros” (Paternostro, 2021, p. 112). No trecho acima, o autor colombiano conta a história de uma mulher chamada Natalia, amiga do pai de Martínez: “quando não tinha nada para comer, colocava pedras na panela, para que os vizinhos dissessem: “Natália está comendo”. Era o que ela dizia a meu pai. [...] Você se lembra desse detalhe no livro sobre o coronel? A esposa dele ferve pedras para manter as aparências diante dos vizinhos” (2021, p. 112). A fome, elemento presente e fundamental em *Ninguém escreve ao Coronel*

¹⁵ Escritores e amigos íntimos de Gabriel García Márquez, conhecidos como “o grupo de Barranquilla”

(1961), é também um ponto importante na vida do próprio Gabriel García Márquez, durante sua juventude em Cartagena das Índias. Esse mal lhe seguiu durante um período, pois a Colômbia vivia o auge das revoltas entre liberais e conservadores, o que fez o autor mudar da cidade natal com poucas roupas e sem dinheiro.

Nesse sentido, ao trazer para a narrativa algo tão forte, mas que, infelizmente, ainda é um fator que assola diversas famílias latino-americanas, García Márquez constrói uma realidade mais natural, que desperta no leitor um sentimento de compaixão e revolta com o personagem.

2.2 Gabriel García Márquez: desatando o nó(s) latino-americano

Em sua literatura, Gabriel García Márquez descreve objetivamente os problemas e as consequências da realidade social e política da América latina. Conforme aponta Ángel Rama (1991) na obra *La narrativa de Gabriel García Márquez: Edificación de un arte nacional y popular*, Gramsci, em 1930, demonstrou o problema da escassez de uma literatura nacional e popular na Itália, uma criação literária e identitária que reunisse traços da cultura e linguagem italianas e, que, por essa falta, os leitores buscavam suprir essa necessidade de se enxergarem representados em outros materiais que não pertenciam àquela literatura nacional. Essa inquietação de Gramsci, de acordo com Rama (1991), pode ser expandida à literatura hispanoamericana, em que não havia uma representatividade literária nacional e popular. Para o autor, a postura da obra de García Márquez elabora um projeto de representar, a partir de elementos afetivos, reais, por vezes dilacerantes e com uma linguagem precisa e crua, que projetam através dessa literatura nacional e popular problemas sócio-políticos e de identidade, fundamentais da realidade colombiana. Em seu discurso no Prêmio Nobel de Literatura (1982), Gabriel García Márquez aborda essa realidade colombiana, que transpassa as linhas dos seus livros:

Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza, e do qual este colombiano errante e nostálgico não passa de uma cifra assinalada pela sorte. [...] todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação [...] o maior desafio foi a insuficiência dos recursos convencionais pra tornar nossa vida acreditável. Este é [...] o nó da solidão [*latino-americana*]. (Márquez, 2011, p. 25). **Grifos nosso.**

Escancarando as veias - ainda abertas - ¹⁶ da América Latina, mesclando o real e o fictício, o autor torna-se, como afirma Jozef em *Escritos sobre Gabriel García Márquez* (2010, *apud*. Pacheco, 2016, p. 09) “um inesgotável contador de história e representou a culminância e renovação da narrativa latino-americana da década de 1960.” Ainda conforme a autora (*apud*, Pacheco, 2016, p. 10), as narrativas do colombiano representam “a caligrafia universal da condição humana”, uma vez que, Gabriel García Márquez incorpora elementos e temáticas enraizadas da cultura latino-americana, além do seu desejo de traduzir através das palavras uma ruptura com a linguagem canônica.

¹⁶ Referência à obra *As veias abertas da América Latina* (1970), de Eduardo Galeano. Aqui, o autor remonta passagens que nos faz entender a violência, a exploração e a submissão colonizadora, da qual países da América do Sul ainda são vítimas. Em suas narrativas, Gabriel García Márquez, aponta os problemas econômicos, sociais e políticos resultantes da violência colonizadora, sobretudo, na Colômbia;

3 TAMBÉM NÃO ESPERAVA NADA – MENTIUI [...] – EU NÃO TENHO QUEM ME ESCREVA¹⁷

El coronel no tiene quién le escriba (1961), traduzida no Brasil para *Ninguém escreve ao coronel* e objeto de estudo deste trabalho, discorre sobre a saga de um velho Coronel, ex militar combatente na Guerra dos Mil Dias (1899 – 1902), “Tesoureiro da Revolução na circunscrição de Macondo” (Márquez, 2022, p.39) e a sua longa - e tortuosa - jornada de espera por uma resposta do Governo acerca do seu tão sonhado pagamento da pensão vitalícia, a qual julga ter direito pelos serviços prestados ao país. No entanto, essa devolutiva nunca chega. E assim, ele “[...] perambula sem rumo dentro de seu próprio espaço [...], sem outra riqueza material que a roupa do corpo.” (Márquez, 2011, p. 107).¹⁸

A obra também acompanha a vida de sua esposa, dona de casa e enferma, que suplica ao marido constantemente uma ação em relação à situação econômica do casal. Para além dessas personagens, temos a presença do elemento crucial do romance: um galo de briga. Visto pela esposa como possível salvação econômica de suas vidas, caso ganhe a luta, mas para o Coronel e os amigos de Agustín “o galo representa uma homenagem ao morto e uma resistência ante o movimento histórico que o país atravessa.” (Oliveira, 2020, p. 174).

A narrativa aborda de forma crítica, rápida e irônica, sem deixar de ser leve, temas inerentes à história política, econômica e social de países da América Latina. Não obstante, Gabriel García Márquez não se restringe à abordagem desses conflitos, pelo contrário, o autor de forma simples, mascara a sua denúncia e crítica a partir da descrição do escasso cotidiano dessa família. De acordo com Oliveira (2020), a linguagem também acompanha o caráter direto da narrativa, com poucas descrições e frases curtas, ilustrando a vida simplória, sem exageros da personagem que, outrora, “ocupou um cargo importante em um evento significativo para o país, [...], porém hoje, não representa nada para a carreira militar, para os interesses da nação...” (Oliveira, 2020, p.175). A vida do Coronel e todos os seus serviços prestados, sobretudo para o Estado, não valem nada, nem a escrita de uma carta.

Gabriel García Márquez, no conjunto de suas obras, de acordo com Rama¹⁹ (1964) sempre demonstrou o caráter engajado em retratar os problemas sociais e políticos da América

¹⁷ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Ninguém escreve ao coronel*. Tradução de Danúbio Rodrigues. Rio de Janeiro, Record. 34ª ed. 2022, p. 19;

¹⁸ Fala de Gabriel García Márquez, no seu discurso “A pátria amada embora distante”, em 2003, na cidade de Medellín, Bogotá.

¹⁹ No original “*Del mismo modo que durante um decenio largo el drama de Colombia radicó en el permanente estadnel violencia del mismo modo y confesadamente éste es el tema central soonfor cual se edifica la obra de García Márquez*” (1964, p. 35).

Latina, para ele: “[...] a grande contribuição política do escritor é não fugir nem das suas convicções nem da realidade, e sim ajudar o leitor, através da sua obra a entender melhor qual é a realidade política e social do seu país ou do seu continente, da sua sociedade, e creio que essa é uma tarefa política positiva e importante, e creio também que essa é a função política do escritor” (Llosa, Márquez, 2022, p. 82).

Na obra em tela, García Márquez escancara as relações de poder e a situações burocráticas que atuam de forma a reprimir os indivíduos. Lakatos (1981, *apud*. Medeiros, 2016), aponta a existência de duas forças que controlam a sociedade: a primeira ancorada na força e, a outra, apoiada em símbolos. Para a autora, aquela sozinha não é capaz de exercer autoridade e precisa fazer o uso dessa para o controle social. Assim, no povoado em que o Coronel mora podemos notar que, apesar do período ditatorial ter acabado, há duas forças que os controlam, conforme os estudos de Lakatos (1981), a existência da primeira – apoiada na força – é notada a partir da contínua presença dos militares; a outra – ancorada em símbolos – através do alcaide.

Durante uma partida de jogo de azar, o Coronel se vê frente a frente com o militar que matou o seu filho e que a tensão e a presença deles continua rondando os moradores:

[...] Compreendeu então que caíra em uma situação fatal. [...] Foi quando viu pela primeira vez na vida, o soldado que disparou contra seu filho. Estava exatamente diante dele, o cano do fuzil apontando contra seu ventre. [...] O Coronel apertou os dentes e desviou suavemente o cano com a ponta dos dedos. – Com licença – pediu. – Enfrentou uns olhos pequenos e redondos, de morcego. Em um instante, sentiu-se tragado por eles, triturado, digerido e imediatamente expelido. – Tem toda, Coronel. (Márquez, 2022, p.79).

E, no início da obra, acompanhamos o momento em que o Coronel se prepara para acompanhar o cortejo fúnebre do primeiro morto por causas naturais do povoado, após a ditadura, no entanto, esse momento é interrompido pela figura do alcaide que proíbe o seguimento do enterro, pois passar com música em frente ao quartel é considerado um movimento subversivo dos moradores: “[...] – falou o Coronel. – O caso é que o enterro não pode passar diante do quartel da polícia. [...] – Mas isto não é subversão – indignou-se o Coronel. – É um pobre músico morto!” (Márquez, 2022, p. 13).

De acordo com Oliveira (*apud*. Medeiros, 2016, p.35), as instituições sociais servem como um recurso a fim de atender as necessidades da sociedade, porém, o seu objetivo é regular e controlar as atividades humanas, uma vez que, é constituída de um conjunto de normas e regras aceitas e sancionadas socialmente. De acordo com Medeiros (2016), o Estado é a instituição social fundamental, uma vez que esta, assume o controle, “cuja essência é o poder

de coerção que se dá de forma direta, usando a força, e indireta, agindo sutilmente para subjugar aqueles que servirão ao poder” (Medeiros, 2016, p.36). Em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), a dominação do Estado está a todo momento pairando sob a vida do Coronel, uma vez que, o povoado em que ele e sua família vivem está sob um governo ditatorial. Para além disso, o Estado não o reconhece enquanto cidadão pleno de seus direitos e deveres, pois, nunca houve uma devolutiva sobre a sua pensão de ex-combatente.

Segundo Medeiros (2016), uma forma de restrição de controle social é o silêncio, pautado na repressão e usado pelo Estado para a efetivação da hegemonia do poder. Para Teles (1979, *apud* Medeiros, 2016, p.26), o silêncio é uma categoria discursiva pautada numa não linguagem, “que não se confunde com o ato de calar, porque é uma forma de falar que está latente dentro da própria linguagem para atuar, no meio social de forma autêntica”:

[...] Foi aí que se ouviu um berro: – Pra onde vão com esse morto? O Coronel levantou os olhos. Viu o alcaide na sacada do quartel em atitude discursiva. [...] Os músicos interromperam a marcha fúnebre. Instantes depois o Coronel reconheceu a voz do padre Ángel com o alcaide. Decifrou o diálogo através da crepitação da chuva nos guarda-chuvas (Márquez, 2022, p.13).

O trecho acima escancara a política silenciosa instaurada no povoado do Coronel. O alcaide, figura de maior autoridade no povoado, impede que o enterro siga pelas ruas com música, manipulando os transeuntes presentes. O cortejo, com a banda que o músico pertencia, primeiro morto de causa naturais, não poderia passar próximo às autoridades, pois em um regime ditatorial, as músicas são consideradas como um ato subversivo. Ou seja, apesar de estarem em estado de sítio, tudo ainda caminha como se estivessem na ditadura:

[...] – Então? – perguntou Dom Sabas. – Então nada – falou o Coronel. – O caso é que o enterro não pode passar diante do quartel da polícia. – Ah, eu estava distraído – respondeu Dom Sabas. – Sempre me esqueço que estamos em estado de sítio. – Mas isto não é subversão – indignou-se o Coronel. – É um pobre músico morto! (Márquez, 2022, p.13).

Dessa forma, quando o Coronel não recebe, durante 15 anos, uma carta por parte do Governo, há uma “dinâmica” de manipulação social, assujeitando e degradando a personagem a viver de forma passiva esperando intermitentemente uma resposta. Para além disso, Schuler (1989, *apud* Medeiros, 2016), aponta que o silêncio pertence ao sujeito detentor e poder, enquanto a voz representa os sujeitos subalternos. O Coronel passa toda a sua vida bradando à sua esposa a esperança – e humilhação - do seu pagamento finalmente, chegar, ao passo que o Governo faz uso do mais puro silêncio sobre o direito da personagem.

Em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), além do silêncio perpetuado pelo Estado, notamos a não-linguagem por parte de outras instituições sociais presentes na obra que exercem

uma relação de poder sob a personagem do Coronel, a saber: o advogado. Para Medeiros (2016), o silêncio compreende uma dimensão que diferencia as classes sociais, causando um efeito de dominação, trazendo à tona as noções de opressor e oprimido. O Coronel, ao procurar seu advogado para saber o andamento de seu processo de recebimento de aposentadoria, percebe a passividade e o “silêncio” do advogado a respeito disso: “Eu avisei que a coisa não se resolvia assim, de um dia para outro – preveniu o negro em uma das pausas do Coronel. [...] – Há quinze anos é sempre a mesma lenga-lenga – desabafou o Coronel. – Isso já começa a parecer uma história de nunca se acabar. O advogado fez uma descrição bastante elucidativa dos tortuosos caminhos da burocracia” (Márquez, 2022, p.35).

Para Orlandi (1995, *apud*. Medeiros, 2016), a linguagem, ou falta dela, transforma o silêncio em símbolos assimiláveis e verbalizáveis, que se instalam e fazem surgirem pensamentos e reflexões que construirão no imaginário social da personagem, e do leitor, que o caso do Coronel continuará sem respostas.

Além do silêncio do Estado diante do Coronel, temos o silêncio da própria personagem principal da obra. Ao iniciar a leitura da obra, nos deparamos com uma personagem passiva, de poucas palavras. No decorrer da escrita de Gabriel García Márquez, é possível notar que apesar de haver uma comunicação com a sua esposa, muita coisa pode ficar subentendida, além do seu “silêncio” diante da situação referente a permanência do galo na residência familiar. Aqui, a utilização de silêncio é ancorada na perspectiva de Orlandi (2002, *apud* Medeiros, 2016), em que o silêncio pode atravessar as palavras e se expressar através delas, ao passo que diferenciamos “a voz que significa silêncio, e o silêncio que pronuncia voz não falando” (Medeiros, 2016, p.27). O silêncio do Estado “fala” de forma clara em relação à espera e as vontades do Coronel: não haverá aposentadoria.

Orlandi (2002) nos apresenta a categoria do “silêncio fundador”, que não é definido pela inexistência de palavras, porém aparece entre elas e apresenta o sentido real do que não foi dito, para o autor:

[...] Esta é uma das formas de silêncio, a que chamamos de silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode ser sempre outro. Mas há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam. [...] Na análise, devemos observar o que não está sendo dito, o que não pode ser dito, etc. (Orlandi, 2002, 83).

Em diversas situações apresentadas ao longo das páginas, o Coronel fala querendo calar ou cala querendo falar e isso é posto à tona nas cenas em que a situação esperada não se concretiza ou quando está diante de outra personagem como, por exemplo, quando vai ao Correios e não há respostas:

[...] o administrador não levantou a cabeça. – Nada para o Coronel – falou. Este não se sentiu envergonhado. – Também não esperava nada – mentiu. Eu não tenho quem me escreva (Márquez, 2022, p. 19).

Assim, percebe-se nas entrelinhas da fala do Coronel, que há, sim, quem deveria lhe escrever, que ele teria cartas a receber, no entanto, o silêncio do Coronel, não permite que o direito da pensão lhe seja assegurado. De acordo com a sua esposa, “lhe falta fibra” (Márquez, 2022, p. 70), falta coragem, palavra e ação em sua vida para que as coisas se resolvam.

Por fim, outro “tipo de silêncio” perpetuado durante a narrativa é o político, visto que, o povoado em que o Coronel mora está sob estado de sítio, devido à ditadura instaurada, as notícias do povoado não são publicadas nos jornais, apenas manchetes internacionais:

– Quais são as novidades? – indagou o Coronel. O médico passou-lhe os vários jornais. – Não se sabe – disse. – É difícil ler nas entrelinhas o que a censura permite publicar. O Coronel passou às manchetes. Notícias internacionais. [...] A primeira página estava quase que totalmente ocupada por convites para um enterro. (Márquez, 2022, p. 19).

De acordo com Orlandi (2002), esse silenciamento político ou censura é chamado de “silêncio local”, aquele que não se pode dizer o que pretende ser dito. Ainda de acordo com o autor, as relações de poder na sociedade, as palavras – e a falta delas – sempre estão acompanhadas de silêncio.

O silêncio que acompanha a personagem durante toda a narrativa é uma consequência da violência instaurada num povoado sem nome, mas que podemos tomar a Colômbia como referência. No tópico a seguir, nos deteremos na violência e nas instituições de poder que atravessam a vida do Coronel e de sua família.

4 A VIOLÊNCIA COLOMBIANA NA OBRA DE GARCÍA MÁRQUEZ

É indiscutível o quanto o discurso literário e o discurso histórico caminham lado a lado. Conforme aponta Cunha (2011), o estudo da literatura visto como aporte histórico, nas últimas décadas, auxilia, a partir de múltiplas possibilidades, tanto as pesquisas em Literatura quanto em História. Assim, torna-se interessante abordar nesta pesquisa o peso e a importância de tais fatores, tornando-a mais rica e profunda.

Para entender um pouco mais sobre a obra *Ninguém escreve ao Coronel* (1961) e tantas outras do autor, é imprescindível compreender o momento em que a Colômbia, terra natal do autor, estava situada e de como alguns acontecimentos influenciaram diretamente nas narrativas de Gabriel García Márquez. Em sua entrevista com Vargas Llosa (2022), García Márquez aponta as motivações para inserir tais fatos em suas obras:

[...] a situação política e social da Colômbia começou a se deteriorar de maneira muito grave, surgiu o que ficou conhecido como “a violência colombiana”, e então, não sei, mas naquele momento tomei consciência política e me senti solidário com o drama do país. Então comecei a contar um tipo de história que era totalmente diferente do que me interessava antes, dramas relacionados diretamente com o problema político e social da Colômbia naquele momento. Eu não estava de acordo com a forma com que estavam tratando outros romancistas colombianos, que praticamente tratavam a violência como um inventário de mortos, como um documento. Eu sempre pensei que o ponto mais crítico da violência não era a quantidade de mortos, mas a terrível marca que ia deixando na sociedade colombiana, naquelas aldeias da Colômbia arrasadas pela morte. (Llosa, Márquez, 2022, p.88).

Nessa mesma entrevista, Gabriel García Márquez explica a motivação de escrever, especificamente *Ninguém escreve ao Coronel* (1961): “[...] enquanto outros contavam o drama de como entravam na aldeia, e violavam mulheres, e decapitavam crianças, eu pensava na gravidade social daquilo e prescindia do inventário de mortos” (Llosa, Márquez, 2022, p.88). Nesse sentido, García Márquez denuncia em sua obra, através do Coronel e do povoado, as consequências devastadoras causadas pela violência em que vivia o país à época.

Consoante Traumann (2018), a história colombiana é marcada por décadas de violência sexual, assassinatos em grande escala, perseguições políticas, narcotráfico, preconceitos contra minorias etc., diferentemente da imagem de alegria e hospitalidade que os nossos *Hermanos* exalam. Muitos desses episódios de violência aparecem com frequência na obra marqueziana.

Na novela usada como *corpus* de análise deste trabalho, o casal vive em um pequeno povoado de um país não identificado, mas que deduzimos ser a Colômbia. Nesse lugar, a partir de algumas passagens no decorrer da narrativa, notamos que a população viveu sob uma política

4.1 A Guerra dos Mil Dias

O avô de Gabriel García Márquez, o Coronel Nicolás Márquez, foi veterano da Guerra dos Mil Dias e as suas histórias de glórias e derrotas são lembradas ao longo das mais de 400 páginas de *Viver para Contar* (2023). Consoante Traumann (2018), de todos os grandes mistérios da Colômbia o que mais persegue os nativos e os estrangeiros ao longo da história são as guerras civis que, vistas e estudadas numa perspectiva atual, não fazem sentido. É o caso da Guerra dos Mil Dias, que “alterou os rumos do país” (Traumann, 2018, p.170).

Presente em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), este conflito ocorreu entre os anos de 1899 a 1902, a partir de uma disputa travada entre o partido Liberal e o partido Conservador que naquele período guerreavam por “um espaço político dentro de uma Colômbia já sulcada por intermináveis guerras civis” (Cunha, 2011, p.10). A dicotomia liberais *versus* conservadores deu início a partir da fundação dos partidos em 1848 e 1849, respectivamente.

A implementação, apoiada pelos liberais, de um estado laico, foi a força motriz para o desencadeamento do embate. Nessa época, de acordo com Traumann (2018), os partidários conservadores estavam divididos entre os que não concordavam com a participação, ainda que mínima, dos liberais, e os que apoiavam o diálogo entre ambos os partidos. Enquanto isso, o partido Liberal também estava dividido entre os que acreditavam nas vias institucionais para se chegar ao poder e os que apoiavam a luta armada para atingir os objetivos eleitorais. Assim, em 17 de outubro de 1899, deu-se início ao conflito que entraria para a história colombiana e para as narrativas marquezianas.

Essa disputa vitimou mais de 100 mil pessoas, estagnando a economia local e deixando o país sensível às tensões externas. Por fim, em 1902, também no mês de outubro, foi assinado o Tratado de Neerlândia, documento narrado na história do Coronel, que pôs fim à guerra: “[...] esse mesmo argumento já era do conhecimento do Coronel. Começara a ouvi-lo no dia seguinte ao Tratado de Neerlândia, quando o Governo prometeu auxílio de viagem e indenização a duzentos oficiais revolucionários. [...] Depois cada qual voltou para casa por seus próprios recursos e ali continuou aguardando” (Márquez, 2022, p.37). Após a assinatura do Tratado, os veteranos de guerra foram incluídos em um documento que lhes garantiam o direito à pensões de guerra, no entanto, assim com o Coronel e o avô de Gabo, muitos combatentes esperaram até a morte pela chegada do dinheiro prometido ainda no solo arenoso de Neerlândia: “[...] e quase sessenta anos após o Coronel ainda esperava” (Márquez, 2022, p.37).

Segundo Pesavento (2004, p.39 *apud* Cunha, 2011, p.10), a partir do conceito de Representação, no qual define-se as representações histórico-culturais como uma “realidade

paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas”, nota-se que através das representações da Guerra dos Mil Dias e da personagem do Coronel, García Márquez realoca de lugar o mundo real para um *locus* imaginário:

Construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. Esta substituição do mundo por sua representação não significa que temos aí uma cópia fiel da realidade, mas uma construção feita a partir dele. (Pesavento, 2004, p.40 *apud* Cunha, 2011, p. 10-11).

Ainda de acordo com a autora, as representações estão arraigadas na credibilidade e na verossimilhança e não na veracidade dos fatos:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. [...] O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção (Pesavento, 2006, p.22 *apud* Cunha, 2011, p.11).

Aqui, a memória aparece como o conceito de *Eidolon*, no estrito sentido proposto por Ricoeur (2007), ou seja, está ligada à uma imagem, à imaginação. Nesse sentido, concebemos a ideia da representação pessoal de Gabriel García Márquez em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961). Dessa forma, ao trazer para a narrativa Agustín, um jovem morto pela repressão policial, dimensão estritamente importante para a leitura, Márquez relembra não só a sua dimensão individual, mas também uma representação coletiva. Morto por um soldado, durante uma batida policial no salão onde aconteciam as brigas de galo, por distribuir panfletos considerados subversivos, Agustín é uma figura que faz referência às épocas de repressões e ditaduras colombianas.

Conclui-se que, ao colocar em sua obra a memória da Guerra dos Mil Dias e as influências que essa exerceu em relação aos veteranos, Gabo insere na narrativa a noção de um determinado período em que a situação fora concebida, características da geração dos veteranos de guerra que viveu à espera da pensão prometida. Destarte, através da escrita do autor quem lê rememora coletivamente, resguarda, a memória acerca da guerra.

5 OS CORONEIS DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Nas narrativas de Gabriel García Márquez cujos personagens são militares, Coronéis, generais etc., o autor nunca escondeu que boa parte da sua inspiração para escrevê-los veio da representação de seu avô, o Coronel Nicolás Márquez, tendo este como cópia fidedigna o Coronel Aureliano Buendía, personagem presente em *Cem Anos de Solidão* (1967) e em outras obras do autor, e breves “pitadas” no Coronel, de *Ninguém escreve ao Coronel* (1961). Em sua autobiografia, García Márquez²² relembra a existência daquele que foi seu maior símbolo de amor e admiração e com quem conviveu até os 8 anos de idade “[...] o avô era para mim, a segurança completa. Só com ele a aflição desaparecia, e eu me sentia com os pés na terra e bem situado na vida real.” (2023, p.77).

Nesse sentido, podemos notar algumas semelhanças na construção da personagem do Coronel, de *Ninguém escreve ao Coronel* (1961) em relação ao seu avô paterno. Ambos são liberais e lutaram na Guerra dos Mil Dias, além disso, outro fato que serviu de mote para a criação do enredo do Coronel fictício é a espera, até a morte, pela aposentadoria de excombatente. García Márquez relembra que desde que a lei de pensões de guerra foi promulgada, sua avó e seus herdeiros esperaram pacientemente pela resolução:

Desde que foi promulgada a lei de pensões de guerra ele preencheu os requisitos para obter a sua, e tanto ele como sua esposa e seus herdeiros mais próximos continuaram esperando por essa pensão até a morte. Minha avó Tranquilina, que morreu longe daquela casa, cega, decrépita e meio lunática, me disse em seus últimos momentos de lucidez: “Morro tranquila, porque sei que vocês receberão a pensão de Nicolasito” (Márquez, 2023, p. 78).

Notamos esse mesmo impasse com a personagem da narrativa, assim que a leitura é iniciada: “Havia cinquenta e seis anos – desde que acabara a última guerra civil – que ele não fazia outra coisa senão esperar.” (Márquez, 2022, p. 5). Assim, já compreendemos à primeira vista a angústia do Coronel e sua família que padecem à espera desse dinheiro.

Ao abordar, de forma central, a temática da aposentadoria na narrativa, Gabriel García Márquez denuncia a burocracia do Estado colombiano que assolou a sua família ainda na sua infância: “Foi a primeira vez que ouvi aquela palavra que semeou na família o germe das ilusões eternas: a aposentadoria. Havia entrado na casa antes do meu nascimento, quando o governo estabeleceu as pensões para os veteranos da Guerra dos Mil Dias. [...] “Não se preocupem”, nos dizia a avó, “o dinheiro da pensão vai ser suficiente para todos.” O correio, que nunca foi uma coisa urgente na família, converteu-se então num enviado da Divina Providência” (Márquez,

²² MÁRQUEZ, Gabriel García Márquez. *Viver para Contar*. 13ªed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

2023, p.78). Dessa forma, assim como sua avó tinha esperanças em receber a tal pensão, a personagem do Coronel também se agarrava, durante sessenta anos, a essa expectativa, sua função não era outra senão aguardar e ir toda sexta-feira aos Correios: “Nada para o Coronel – falou. – Também não esperava nada – mentiu. [...] – Eu não tenho quem me escreva.” (Márquez, 2022, p.19). Diferentemente da sua esposa, a voz racional da narrativa, esta sabe que a pensão nunca chegará:

[...] A mulher já o esperava. – Nada – perguntou. – Nada – respondeu. Na sexta seguinte voltou às lanchas. E, como em todas as sextas-feiras, regressou sem a carta esperada. – Já aguardamos demais – disse a mulher certa noite. – É preciso ter essa paciência de boi que você tem para esperar uma carta durante quinze anos. O Coronel meteu-se na rede a fim de ler os jornais. – Temos de esperar a vez – argumentou. – Nosso número é o 1823. – Desde que estamos nessa expectativa já deu duas vezes esse número na loteria – replicou ela. (Márquez, 2022, p.33).

Em diversas passagens da obra, notamos o quanto a esposa do Coronel tem os pés no chão quanto ao recebimento desse dinheiro, para ela toda essa espera é uma causa perdida, enquanto os dois declinam e definham em uma existência miserável: “Está na hora do almoço – lembrou. – Não tem almoço – respondeu ela.” (Márquez, 2022, p.91), enquanto o Coronel espera incansavelmente e acredita que a causa ainda não está perdida, apesar das duras consequências.

5.1 A decrepitude de um velho Coronel

O Coronel é apresentado desde o início da narrativa como um homem de idade avançada, pobre, mas de alma sonhadora. Ao mesmo tempo, demonstra atitudes irracionais, acreditando que seus dias de glória chegarão, mais cedo ou mais tarde. Tudo o que ele almeja em vida é receber uma carta do Governo. Além disso, no decorrer da novela é possível perceber através de suas atitudes, por mais que ele não demonstre exteriormente, o quanto ele sofre, revelando ao leitor uma linha tênue de emoção entre a solidariedade e o desespero.

Consoante Candido (2009), na leitura de um romance há uma série de fatos organizados, chamados de enredo, e no interior há as personagens que os vivenciam. Uma só existe em consonância com a outra. Ademais, para o autor, todas as personagens que compõem uma narrativa são fragmentárias, todas são inesperadas, misteriosas, complexas, não possuem características únicas. Em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), temos o que Candido (2009) aponta como “personagens de natureza”, aquelas que “são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros.” (Candido, 2009, p. 28).

O Coronel aparece na narrativa para além de um nome e endereço, considerados superficiais, uma vez que, não é revelado o seu nome, muito menos o país em que reside. Assim, na obra em tela, Gabriel García Márquez apresenta a personagem do Coronel a partir do seu íntimo, de suas vontades interiores: sua espera em receber a carta pelo Correio, viver sua aposentadoria tranquilamente e a lembrança pela memória de seu filho Agustín através do galo.

Além disso, conforme Candido (2009) explica sobre os “recursos de caracterização” — os elementos que o autor usa para descrever e definir suas personagens — o leitor pode interpretar e visualizar as características das personagens com base na sua própria percepção. Isso sugere que, embora os recursos de caracterização ajudem a formar uma imagem das personagens, compreender totalmente a intenção do romancista pode ser um desafio, pois depende da interpretação individual do leitor

De acordo com Oliveira (2020), *Ninguém escreve ao Coronel* (1961) tem características do chamado romance histórico. Nesse estilo de romance, de acordo com Anderson (2007, p.206 *apud* Oliveira 2020, p.176):

Figuras históricas famosas aparecem entre os personagens, mas seu papel na fábula será oblíquo ou marginal. A narrativa será centrada em personagens de estatura mediana, de pouca distinção, cuja função é oferecer um foco individual à colisão dramática dos extremos entre os quais se situam ou, mais frequentemente, oscilam.

Ainda de acordo com Anderson (2007, p.205 *apud* Oliveira, 2020, p.176), “o romance histórico é uma épica que descreve a transformação da vida popular através de um conjunto de tipos humanos característicos, cujas vidas são remodeladas pelo vagalhão das forças sociais”. Consoante Oliveira (2020), a personagem do Coronel possui características que se encaixam dentro do romance histórico. No romance marqueziano, temos um homem mediano, de certa forma, um pouco medíocre que, de acordo com as características de uma personagem de romance histórico descritas por Lukács (2011, *apud* Oliveira, 2020), tem uma inteligência, mas não é extraordinária, uma solidez moral e honestidade que caminham lado a lado com todo o sacrifício de sua existência, no entanto, esses aspectos de sua personalidade não conseguem despertar no leitor “uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa” (Lukács, 2011, p. 49 *apud* Oliveira, 2020, p. 176). Conforme apontado anteriormente a personagem é capaz de desenvolver no leitor sentimentos e conflitos, mas ao mesmo tempo não desenvolve uma paixão fervorosa, isso ocorre, porque o Coronel é uma personagem humana, um anti-herói que erra, que sofre e que – talvez – não tenha um final tão feliz.

O Coronel, de Gabriel García Márquez, é uma personagem complexa, indecifrável, mediana, ou como definiu Forster (*apud* Candido, 2009), esférica, aquela que tem a capacidade de surpreender o leitor. Podemos observar essa característica ao decorrer do romance, seu único “traço de personalidade” é a expectativa em receber a pensão do Estado, em nenhum momento outra característica, outra marca, nos é revelada ao longo do romance. A escassez é parte de todos os elementos que envolvem a sua existência.

Lukács (1971, *apud* Llosa 2021, p.303) apontou o romance como “a busca demoníaca de valores autênticos que um herói leva a cabo num mundo degradado”. Além disso, ainda segundo Lukács, em todo romance há uma oposição entre um indivíduo e uma sociedade, ao passo que, é “biografia individual e crônica social” (Llosa, 2021). No caso da obra ficcional de *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), convém retomá-la de acordo com a definição de Lukács, visto que o romance de García Márquez segue com a clássica estrutura: a personagem principal enfrenta conflitos com seu mundo interior e exterior e corre atrás de valores genuínos, mesmo que essa busca seja vã. O Coronel surge com um idealismo moral, subjetivo: “[...] ele acredita ser possível o impossível, tem fé na eficácia do ineficaz, afirma com teimosia e quase loucura a existência de algo que não existe em seu mundo: a justiça, o respeito à palavra empenhada, a vigência da lei, o funcionamento da administração” (Llosa, 2021, p.304). Toda a história de humanidade desse Coronel é construída a partir de um único ponto histórico que moldou todo o seu caráter ético e moral de honra e dever: a longa espera de uma resposta do cumprimento do Tratado de Neerlândia ²³e a sua experiência como Tesoureiro na Guerra dos Mil Dias.

Pode-se observar que, como afirma Oliveira (2020), o Coronel é uma personagem locada em seu próprio tempo e espaço, sem perspectivas, fadado ao esquecimento e a morte sem glórias, a qual tanto buscou durante seus setenta anos de vida. E o que lhe resta é agarrarse aos seus únicos propósitos enquanto está vivo: a angustiante espera de uma resposta e reconhecimento pelo Estado e a vitória do galo de Agustín.

Em sua obra *Saber envelhecer* (2021), o filósofo Cícero traz, em forma de conselhos, pontos que devem ser seguidos para se ter uma boa velhice. Para o autor, os que chegam a velhice a abominam: “todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente, faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-la, mas, ao ficarem velhos, se lamentam.” (Cícero, 2021, p.11).

²³ Documento assinado pelos combatentes que decretou o fim da Guerra dos Mil Dias e autorizou a concessão dos nomes para receber a aposentadoria vitalícia dos que prestaram serviços ao Estado.

No livro de Gabriel García Márquez, percebe-se que a personagem do Coronel vive sua vida já na velhice, visto que sua espera pela aposentadoria dura quase sessenta anos, que perdura desde a juventude. Ao decorrer da obra de Cícero (2021), o autor elenca 4 razões que transformam a velhice em uma etapa detestável da vida, a saber: “1) Ela nos afastaria da vida ativa. 2) Ela enfraqueceria nosso corpo. 3) Ela nos privaria dos melhores prazeres. 4) Ela nos aproximaria da morte.” (Cícero, 2021, p. 19). No romance de Gabo, notamos que a família protagonista vive o fim de uma vida de forma deplorável, ambos estão doentes, parados no tempo, isolados do restante do povoado, sob escassez absoluta de comida, remédios etc.

Além disso, Cícero (2021, p.33) afirma que é: “preciso resistir à velhice e combater seus inconvenientes à força de cuidados; é preciso lutar contra ela como se luta contra a doença; conservar a saúde, praticar exercícios apropriados, comer e beber para recompor as forças sem arruiná-las.” No entanto, a personagem do Coronel, e conseqüentemente sua esposa, caminham na contramão ao que é proposto pelo autor. O famoso trecho inicial, demonstra-nos a escassez e a insignificância em que o casal (sobre)vive:

O Coronel destampou a lata do café e notou que apenas restava uma colherinha de pó. Tirou a panela do fogo e jogou no chão de barro batido a metade da água e raspou de faca todo o interior da vasilha, até botar na panela o que restava, uma mistura de raspas com ferrugem (Márquez, 2022, p.05).

Conforme aponta Rama (1991, p. 202), a narrativa do Coronel inicia-se a partir de uma “ação absolutamente insignificante”²⁴, no entanto, García Márquez expõe e maneja ao passo de transformá-la em algo significativo, central. Assim, a vida do Coronel gira em torno de situações que, enxergadas “de fora” pelo leitor, não são algo essencial, mas é a partir deste momento que esse mesmo elemento passa a valorizar, da mesma maneira, todas as demais cenas que sucedem. Além disso, para Rama (1991) outro traço que colabora com a ideia de insignificância nas ações da personagem, das pessoas que o rodeiam e do povoado, é a tipicidade com que eles foram construídos no romance. No parágrafo que sucede o início da narrativa, o narrador completa o retrato simplista do Coronel: “Havia cinquenta e seis anos – desde que acabara a última guerra civil – que ele não fazia outra coisa senão esperar” (Márquez, 2022, p.05).

Como dito anteriormente, o Coronel é um idoso, que aguarda a resposta do governo sobre a sua pensão vitalícia. Esse homem vive com sua esposa e um galo, sem luxos nem as glórias que tanto trabalhara e tanto sonhara ainda na época da guerra, saindo de um cargo

²⁴ No original: “*trata de una acción absolutamente insignificante.*”;

importante para a nação, já representou uma voz detentora de poder, esteve no topo na hierarquia, e passando para um ancião simplório, decrépito, doente, vivendo mediocrementemente com a sua esposa, não tem o prestígio dos vizinhos, não representa mais nada na patente militar para o Estado.

De acordo com Cícero (2021, p. 53), no tópico “os rabugentos e os outros”, aqueles que já estão na velhice têm predisposição para serem “mal-humorados, atormentados, irascíveis e rabugentos – e mesmo avarentos”. Por viver em extrema escassez e pela longa espera, o Coronel acumula longos anos de humilhações, misérias, desprezos, que justificam “suas manias de velho”, sua brutalidade com a esposa:

A mulher desesperou-se. – Enquanto isso, o que é que nós vamos comer – perguntou, agarrando o Coronel pelo colarinho. Sacudiu-o com força. – Diga, o que nós vamos comer? O Coronel precisou de setenta e cinco anos – os setenta e cinco anos de sua vida, minuto a minuto – para chegar àquele instante. [...] – Merda. (Márquez, 2022, p. 95).

Ademais, Cícero (2021) afirma que um corpo debilitado, é mais suscetível a esses ataques. O narrador, em diversas situações, retoma o fato do Coronel (e sua esposa) serem doentes. Ela, asmática; ele, com problemas intestinais. A partir disso, a ideia de miséria é mais uma vez reforçada, já que a casa em que vivem não é adequada e a comida além de pouca, quando tem, ainda é má. Isso quando eles têm o que comer, pois em algumas ocasiões os dois deixaram de se alimentar, para dar de comer ao galo:

– Olhe, só tenho aqui uns cinquenta centavos. Guardava o dinheiro debaixo da esteira da cama, atada a uma ponta de lenço. Era ainda produto da máquina de costura de Agustín. Foram gastando tudo, centavo a centavo, repartindo-o entre as próprias necessidades e as do galo. Agora, restava apenas um par de moedas de vinte e uma de dez centavos. – Compre 250 de milho – disse. – Com o troco, traga café e cem gramas de queijo. – E um elefante dourado para pendurar na porta – arrematou o marido. – Só o milho custa quarenta e dois. Refletiram por instantes. – O galo é um animal, portanto pode esperar – disse ela inicialmente. [...] – Não é por mim – falou pouco depois. – Se dependesse da minha pessoa, hoje à noite eu faria um refogado de galo. Deve ser interessante uma indigestão de cinquenta pesos. [...] – Compre o milho – disse por fim. – Deus há de saber como a gente vai se arranjar (Márquez, 2022, p. 27).

Uma questão levantada por Cícero (2021) em sua obra e que também se faz presente no *corpus* de análise é que, ao chegarem à velhice, os sujeitos sentem-se cada vez mais desprezados, expostos ao ridículo e, por ser um corpo debilitado os ataques tornam-se ainda mais visíveis. Podemos notar que o Coronel é um sujeito que se sente dessa forma em algumas situações, sobretudo ao ter algum diálogo com Dom Sabas, para o Coronel é quase uma humilhação:

Dom Sabas deteve-se antes de abrir a porta. – Deseja alguma coisa, Compadre? O Coronel sentiu que o capataz o observava. – Nada não, compadre – disse. – Apenas uma palavrinha. – Seja o que for, fale logo. Não posso perder um só minuto. [...] O

Coronel sentiu que se passavam os cinco minutos mais longos da sua vida. Então apertou os dentes. – É sobre o problema do galo – murmurou. Dom Sabas acabou de escancarar a porta. – O problema do galo – repetiu sorrindo e empurrando o capataz para o corredor. O mundo pegando fogo e o meu compadre preocupado com esse galo. Depois, dirigindo-se ao Coronel: – Está bem, compadre, volto já. (Márquez, 2022, p.70).

No trecho acima, percebe-se o quanto o Coronel se sente acuado, envergonhado na presença do Dom Sabas e o quanto o segundo o despreza, deixa-o de lado. Além disso, a personagem do Coronel sente-se inferior em relação à situação financeira do compadre.

Enquanto ele esperava do Governo a sua pensão vitalícia, Dom Sabas acumulava riquezas:

[...] – Vinte anos esperando os passarinhos coloridos que lhe prometiam depois de cada eleição e, de tudo isso, só nos resta um filho morto! Nada mais que um filho morto! O Coronel já estava acostumado a esse tipo de recriminação. – Cumprimos com o nosso dever – alegou. – E eles cumpriram com o de ganhar mil pesos por mês no Senado, durante vinte anos – voltou a mulher, - Aí está nosso compadre Sabas, com sua casa de dois andares e que não dá para guardar tanto dinheiro, um homem que chegou por aqui com uma cobra enrolada no pescoço! (Márquez, 2022, p. 64).

Outro ponto que Cícero (2021) afirma é a diminuição da vitalidade atrelada às doenças e da falta de cuidados consigo. Conforme dito anteriormente, o Coronel e a sua esposa são pessoas extremamente doentes que vivem à míngua, rodeados pela miséria. Nesse sentido, Llosa (2022) aponta que uma das principais características da personalidade da personagem e que nos é apresentada na introdução da obra é a sua doença estomacal: “[...] enquanto o café não fervia, o Coronel como que sentiu brotar de suas tripas cogumelos e lírios malignos” (Márquez, 2022, p.05). Esse fato traz mais naturalidade e dramaticidade as cenas e reafirma a condição precária que o Coronel vive: “Tão importante quanto sua grandeza moral é esta outra face de sua personalidade: a sua prisão de ventre” (Llosa, 2022, p. 331).

Em diversos momentos da narrativa nos é mostrada uma situação de grandiosidade da personagem e, contrastado a isso, aparecem suas torturas viscerais: “O Coronel cuidou do galo, embora preferisse passar toda a quinta-feira na rede. Choveu durante dias e dias. Pela semana brotou a flora das suas vísceras” (Márquez, 2022, p. 15). De acordo com Llosa (2022), todo o drama presente na obra tem relação com os excrementos. A velhice, a fome e, principalmente, os excrementos formam a tríade que consolida a miséria física da personagem. É o princípio e o fim da narrativa do Coronel, pois a história começa com: “[...] como que sentiu brotar de suas tripas cogumelos e lírios malignos” (Márquez, 2022, p.05) e encerra com a fatídica frase, ao questionamento da esposa: “– Diga, o que nós vamos comer? – Merda.” (2022, p. 95). As referências ficcionais à constipação e às matérias fecais, ligadas ao mês de outubro e que na

narrativa tem um sentido negativo, não são por acaso, representam a má sorte, é a força contrária à figura do galo, que representa o otimismo e a esperança de um futuro bom.

Assim, conforme Llosa (2022), as matérias fecais do Coronel trazem para a narrativa uma espécie de vitalidade – ainda que de forma negativa. A luta que o protagonista enfrenta está entre um otimismo subjetivo, que tem no acaso uma fé na mudança, e uma objetividade que o puxa para baixo de forma violenta e, ainda de acordo com o autor (2022, p. 330): “[...] Em toda a narrativa, essas forças inimigas se enfrentam e se negam, sem que o conflito se resolva”. Dessa forma, esses conflitos trazem uma dinamicidade à narrativa, dotam a história de humanidade e vitalidade.

Apesar da vivacidade e dinamismo presentes em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), há uma aura negativa ronda a família do Coronel, uma espécie de força estranha que paira sobre eles, carregando-os de doenças, mau agouro, mortes etc. Esses aspectos determinam quem eles são e os seus futuros. Nos tópicos a seguir, analisaremos como esses aspectos aparecem na construção do Coronel.

5.2 Está tudo assim – murmurou. - Estamos apodrecendo vivos²⁵

Outro aspecto que reafirma a condição miserável em que a família vive, são as doenças que ambos acumulam. Ele com as prisões de ventre, e ela asmática. As cenas que mais se repetem durante toda a narrativa são as crises das doenças e as visitas do médico à casa da família:

[...] O médico veio depois do almoço. O Coronel e a mulher bebiam café na cozinha quando ele empurrou a porta da rua e gritou: – Os doentes morreram! O Coronel ergueu-se para recebê-lo. – Pois é, doutor – disse dirigindo-se à sala. – Eu sempre achei que seu relógio regula com o dos urubus. A mulher correu para o quarto a fim de se preparar para o exame. (Márquez, 2022, p.22).

Logo no início da narrativa, junto com a cena do enterro do jovem músico, é descrito que a mulher teve uma crise asmática durante a noite inteira, fato que ocorre devido as condições insalubres da casa em que os dois residem. Ao mesmo tempo, o marido começa a sentir suas crises intestinais, consequência da chegada de outubro e da pouca e má alimentação:

[...] Um fio de suor gelado escorreu pela coluna vertebral. Tinha febre. [...] Amanheceu muito cansado [...] Sentiu náuseas. Saiu para o quintal, dirigindo-se à latrina através dos miúdos sussurros e dos cheiros sombrios do inverno. O interior do quartinho de madeira com teto de zinco estava envolto em vapores de amoníaco. [...] Era um rebate falso. Acocorado na plataforma de tábuas ásperas, experimentou o desgosto do desejo frustrado. O aperto foi substituído por uma dor surda no tubo

²⁵ (Márquez, 2022, p. 09).

digestivo. – Não há dúvida – murmurou. – Sempre me acontece isso em outubro (Márquez, 2022, p. 21).

Através da fala do Coronel, nota-se que essas crises são recorrentes, especialmente em outubro, mês que traz a chuva ao povoado, a florando também a falta de ar da esposa. Apesar dessas frequentes enfermidades, sempre que o médico vai à casa da família, suas respostas sempre são positivas, isso aparece como uma forma de prevenção a aproximação da morte nos pacientes: “– Esta paciente está melhor que eu – disse. – Com uma asma dessas eu viveria cem anos. [...] – Qualquer dia eu morro e levo o senhor para o inferno, doutor.” (Márquez, 2022, p. 23). Mais adiante na narrativa, a esposa tem outras diversas crises e mais uma vez o médico é chamado: “[...] O médico foi ver a doente e saiu do quarto exaltado: – Com uma asma dessas eu estaria preparado para enterrar a cidade inteira. No entanto, falou a sós com o marido e prescreveu um regime especial.” (2022, p. 44), comprovando mais uma vez que as notícias sobre a saúde da mulher não eram tão positivas como ele aparentava ser. Além disso, após a morte de Agustín, único provedor da casa, o Coronel e a esposa percebem que as dificuldades só aumentaram, em outra ocasião a mulher lamenta pelo ocorrido: “– Nós somos órfãos de nosso filho” (Márquez, 2022, p. 17).

Diante disso, a esposa do Coronel adoece cada vez mais e observa as economias e o pouco de comida que eles têm indo para o animal da família: “– É pecado se tirar o pão de nossa boca para dar a um galo.” (Márquez, 2022, p. 46). Para ela, todas as situações de mau agouro que rodeiam a família têm ligação com os galos de briga, inclusive a morte de Agustín, na sua visão, foi causada pelo animal: “[...] Dirigiu ao animal um olhar sombrio. – Não sei quando me verei livre desta ave de mau agouro.” (Márquez, 2022, p. 81). O galo, símbolo bíblico de boa sorte e renovação (Chevalier, 2001), para a esposa do Coronel significa trevas, a perda do filho na rinha e a parcimônia do Coronel em relação à vida.

Na obra utilizada como *corpus* observa-se a existência de três aspectos principais que caracterizam a história da personagem do Coronel: a violência colombiana, a velhice e a miséria, ligadas às doenças das personagens e a má sorte. No entanto, outros tópicos aparecem como coadjuvantes na história da família, a saber: o tempo, a morte e a solidão que serão discutidos posteriormente.

5.3 Nunca é tarde para nada – filosofou o Coronel²⁶

A narrativa de Gabriel García Márquez, apontada no decorrer deste trabalho, tem como mote principal o tempo que o Coronel espera do por uma carta enviada pelo Governo acerca da pensão dos veteranos, em que ele serviu como Tesoureiro na Guerra dos Mil Dias. Nesse sentido, o protagonista se agarra às expectativas de um futuro distante, quimérico, tudo que virá para a vida do Coronel e de sua família repousa em incertezas, ele “[...] apressa sua vida e sofre a ânsia do futuro e o tédio do presente.” (Cícero, 2017, p. 17). Para a personagem, “Nunca é tarde para nada” (Márquez, 2022, p. 57), e assim sua vida segue o mesmo rumo infeliz há quase meio século.

O tempo, definido por Chevalier (2001), como o movimento giratório que descreve o ciclo da vida, é um dos aspectos centrais da narrativa. Durante sessenta anos, em todas as sextas feiras, o ex-militar aguarda o correio que sempre lhe responde da mesma forma:

[...] o administrador não levantou a cabeça. – *Nada para o Coronel* – falou. Este não se sentiu envergonhado. – Também não esperava nada – mentiu. Botou no médico um olhar totalmente infantil. – Eu não tenho quem me escreva. (Márquez, 2022, p. 19) Grifos nosso.

Consoante Sêneca (2017, p.08), “não dispomos de pouco tempo, mas desperdiçamos muito.” Assim, é possível depreender na obra que o Coronel desperdiça toda a sua vida à espera de algo que provavelmente nunca chegará. O ciclo giratório de sua vida está fadado a sempre girar ao redor da espera da concessão de pagamento pelo Estado. “Havia cinquenta e seis anos – desde que acabara a última guerra civil – que ele não fazia outra coisa senão esperar.” (Márquez, 2022 p. 05), a única coisa que lhe era certa de aparecer eram os meses do ano.

Ainda de acordo com Sêneca (2017), não nos é dada uma vida breve, mas nós a transformamos. Há uma acomodação dele em relação à sua existência, baseada nessa incansável espera. Não há uma ideia de prosperidade ou um impulso de mudar a sua forma de viver. Para a personagem “nunca é tarde para nada.” (Márquez, 2022, p.57). Consoante Sêneca (2017, p. 18), “as pessoas recebem com muito prazer pensões e auxílios, e nisso colocam seu empenho, atenção ou cuidados; ninguém valoriza o tempo.” Durante um longo período e que no livro aparece de forma imprecisa, o Coronel coloca todas as forças e emoções na resolução de sua aposentadoria.

²⁶ (Márquez, 2022, p. 57)

Ademais, há uma confusão temporal e que é apontada no decorrer da história. Na obra é dito que ele e sua esposa esperam essa carta por quase meio século: “[...] precisou de meio século para se dar conta de que não havia gozado um só minuto de sossego desde a rendição de Neerlândia.” (Márquez, 2022, p. 65), no entanto, pelas estatísticas dos dados disponibilizados pela personagem, notamos que a espera dura 31 anos, uma vez que depois do Tratado de Neerlândia sua espera durou 10 anos: “O Coronel esperou dez anos para que cumprissem as promessas de Neerlândia.” (2022, p. 64), após isso passaram-se 8 anos desde o processo de justificação, depois ele espera por mais 6 até ser incluído no quadro do benefício, depois disso ele ainda ficou mais 7 anos sem notícias do seu processo:

[...] Leu como sempre da primeira à última página, inclusive os anúncios. Mas dessa vez não se concentrou. Durante a leitura pensava na sua reforma de veterano de guerra. Dezenove anos atrás quando o Congresso Nacional promulgara a lei, iniciou-se um processo de justificação que durou cerca de oito anos. Depois foram necessárias mais seis para ele ser incluído no quadro. Foi a última carta que o Coronel recebeu (Márquez, 2022, p.42).

Além de desperdiçar seu passado, presente – e talvez curto futuro – na incerteza do recebimento da aposentadoria, a personagem do ex-militar dispõe todo o restante de seu tempo na criação de um galo de briga, visto pela família como fonte de renda, caso ganhe a luta em janeiro, ou após sua venda para Dom Sabas, homem afortunado da aldeia, compadre do Coronel e para quem a família deve uma quantia. No entanto, essa venda não tem sucesso, pois o Coronel desiste no dia da luta, confiante de que, a renda advinda do galo não será necessária, pois o seu pagamento chegará:

[...] – Não vamos mais vender esse galo. O Coronel tirou do guarda-roupa um maço de notas, juntou ao que já estava no bolso, contou o total e guardou tudo no mesmo lugar. – Aí estão vinte e nove pesos para devolver ao compadre Sabas – falou. – O resto, a gente paga quando a pensão chegar. – E se não chegar – perguntou a mulher. – Chegará. – Mas se não chegar? – Então, não se paga (Márquez, 2022, p. 88).

Agarrando-se ainda a ideia incerta de ter alguma renda vinda do galo da sorte, o ancião tem uma pequena esperança dele ganhar a luta, realizando o último desejo de seu filho Agustín. Para o Coronel, “Tudo o que há de vir repousa na incerteza.” (Sêneca, 2017, p. 19). No entanto, sua esposa acredita na possibilidade do galo perder, sendo a voz racional da obra. Enquanto isso, a família não tem mais o que comer nem meios de sobreviver:

– Isso se o galo ganhar – insistiu a mulher. – E se perder, você já pensou que o galo pode perder? – Um galo desses não pode perder. – Suponhamos que perca. – Faltam ainda quarenta e cinco dias para se pensar nessa hipótese. A mulher desesperou-se. – Enquanto isso, o que é que nós vamos comer – perguntou, agarrando o Coronel pelo colarinho. (Márquez, 2022, p. 94).

Em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), o tempo para o Coronel gira entre duas faces: o passado e o futuro, enquanto para sua esposa, o que importa é a vida dos dois no presente, vivendo sob a miséria, sem ter o que comer ou o básico para as necessidades pessoais, colocando os móveis à venda, e esperando uma carta e uma luta que trazem consigo as marcas da incerteza. Para ela, não existe mais a possibilidade de esperar por mais tempo a resposta do Governo chegar – e ela acredita no “se não chegar” –, o que importa é o agora, como os dois vão (sobre)viver, o que farão caso o galo não ganhe, como resolverão a hipoteca da casa, o que eles vão comer: “[...] – Está na hora do almoço – lembrou. – Não tem almoço – respondeu ela.” (Márquez, 2022, p. 91). A esposa representa a racionalidade da obra, marca comum das personagens femininas de Gabriel García Márquez: “[...] as mulheres que aparecem nos meus livros são a segurança, o senso comum, são quem mantém a casta e o uso da razão na família” (Llosa, Márquez, 2022. P. 43). A mulher do Coronel sabe, no fundo, que a carta e o dinheiro prometido não chegarão: “– Tenho a impressão que esse dinheiro não chegará nunca – disse ela.” (Márquez, 2022, p. 90), enquanto ele configura o sentimentalismo e irracionalidade, a fé de que a resposta chegará mais cedo ou mais tarde:

[...] – Falta pouco para que chegue a pensão – lembrou o marido. – Há quinze anos que você está falando isso. – Por isso mesmo – argumentou o Coronel. – Agora não pode mais demorar. Ela ficou em silêncio. Quando tornou a falar, pareceu ao marido que o tempo não havia passado. – Tenho a impressão que esse dinheiro não chegará nunca – disse ela. – Chegará. – E se não chegar? Ele não encontrou voz para responder (Márquez, 2022, p. 90).

O Coronel vive preso a uma esperança quase cega de receber a pensão militar, guiando-se por suas emoções e por um idealismo sem fundamento. Essa obstinação revela um comportamento irracional, visto que ele ignora a dura realidade ao seu redor e a precariedade da vida que compartilha com a esposa: “– Estou cansada – balbuciou. – Os homens não veem os problemas da casa. Várias vezes botei pedra pra ferver a fim de que os vizinhos não soubessem que levamos dias e dias sem pôr panela no fogo.” (Márquez, 2022, p.63). O Coronel está tão absorto nos seus propósitos que esquece de tudo ao seu redor, principalmente de sua esposa. Ele não percebe que não há mais suprimentos básicos em casa e que diversas vezes sua esposa precisou manipular situações para que os vizinhos não percebessem a decadência em que os dois viviam.

De acordo com Cícero (2017), uma das maiores perdas na vida é a protelação, a demasiada expectativa que é colocada em algo, que “fica na dependência do amanhã e perde o momento presente” (2017, p. 19). O Coronel precisou de mais de 30 anos para se dar conta de que a sua vida se esvaiu em prol da espera da carta: “[...] e ele se transformou em um homem

solitário, sem outra ocupação a não ser a de esperar o correio das sextas-feiras.” (Márquez, 2022, p. 25). Enquanto isso, a sua esposa tem plena consciência do longo tempo que perderam: “– Já aguardamos demais – disse a mulher certa noite. – É preciso ter essa paciência de boi que você tem para esperar uma carta durante quinze anos.” (2022, p. 33) e que perderão: “[...] Dentro de cinquenta anos a gente pode contar com esse dinheiro.” (2022, p.72).

Além disso, o Coronel deposita o seu pouco tempo na criação do galo e nos preparativos para a grande luta que ele participará. No entanto, o Coronel esquece dele e da sua esposa, emprega na ave a pouca comida e dinheiro que possuem, ficando cada vez mais doente e decrépito. Dessa forma, na vida das personagens só restou os maus augúrios, a lembrança de um filho morto, as doenças e a chegada da morte. A vida e o tempo do Coronel seguiram as escolhas do protagonista. O presente e o passado determinam o seu futuro, como aponta Cícero (2017, p.19):

Ninguém vai restituir os teus anos, ninguém vai devolver-te de novo a ti mesmo. A vida segue a trajetória que iniciou e não retrocede ou detém seu curso. Não fará tumulto nem advertirá sobre sua velocidade; deslizará em silêncio. Ela não se prolongará por ordem de um rei, nem pelo favor do povo; transcorrerá do modo como foi determinada desde seu primeiro dia, não sofrerá nenhum desvio, nenhum retardo. O que irá acontecer? Tu estás ocupado, a vida se apressa; nesse ínterim, a morte irá chegar, para a qual, querendo ou não, terás de ter tempo.

A esposa do Coronel aparenta ter mais noção de tempo que o protagonista, em diversos momentos da narrativa ela lhe relembra o quanto eles já esperaram, o quanto essa demora os afeta – e afetará – negativamente: “– Já aguardamos demais – disse a mulher certa noite. [...] – Temos de esperar a vez – argumentou. – Nosso número é o 1823. – Desde que estamos nessa expectativa já deu duas vezes esse número na loteria – replicou ela” (Márquez, 2022, p.33).

Entende-se que a esposa do Coronel tem uma certa urgência em alinhar a vida financeira de ambos, visto que a idade dos dois está cada dia mais avançada, e com isso as doenças e a morte se aproximam rapidamente do âmbito familiar, além da sombra do falecimento do filho Agustín. No tópico a seguir, abordaremos a presença e a influência da morte, uma personagem presente e importante na narrativa.

5.4 A única certeza na vida é a morte, Coronel²⁷

A morte, segundo Chevalier (2001), determina o fim de forma absoluta de tudo e qualquer coisa positiva seja, um animal, uma pessoa, uma planta etc. É o medo de tal evento que assombra todo ser humano. Bauman (2008, p.26), aponta a morte como algo:

²⁷ (Márquez, 2022, p.58)

Irreparável... Irremediável... Irreversível... Impossível de cancelar ou de curar... O ponto sem retorno... O final... O derradeiro... O *fim de tudo*. Há um e apenas um evento ao qual se podem atribuir todos esses qualificativos na íntegra e sem exceção. [...] O evento que lhes confere significado primordial - prístino, sem adulteração nem diluição. Esse evento é a *morte*. (grifos do autor)

Conforme aponta Bauman (2008, p. 30), todos os sujeitos passam a vida tentando transformar a vida mortal mais significativa ao “ênfatar a durabilidade dos efeitos de uma vida terrena reconhecidamente transitória, para garantir que o trabalho duro realizado no curso da existência não será em vão”. O Coronel, durante sua vida, tentou ser reconhecido pelos seus feitos durante a assinatura do Tratado de Neerlândia, acreditou que a longa e penosa viagem que percorreu numa mula morta de fome, para entregar pessoalmente, dois baús cheios de ouro, ao coronel Aureliano Buendía o fariam ter reconhecimento e entrar para a história:

[...] Não havia acabado de assinar a última quando apareceu na porta da lona um coronel rebelde levando pelo cabresto uma mula carregada com dois baús. Apesar de sua extrema juventude, tinha um aspecto árido e uma expressão paciente. Era o tesoureiro da revolução na circunscrição de Macondo. Havia feito uma penosa viagem de seis dias, arrastando a mula morta de fome, para chegar a tempo no armistício. Com uma parcimônia exasperante descarregou os baús, abriu-os, e foi pondo na mesa, um por um, setenta e dois tijolos de ouro. [...] O coronel Aureliano Buendía fez com que os setenta e dois tijolos de ouro fossem incluídos no inventário da rendição, e encerrou o ato sem permitir discursos. O esquelético adolescente permaneceu na frente dele, olhando –o nos olhos com seus serenos olhos cor de caramelo – Algo mais? – perguntou-lhe o coronel Aureliano Buendía. O jovem coronel apertou os dentes. – O recibo – disse. O coronel Aureliano Buendía escreveu-o de punho e letra. (Márquez, 2022, p. 194.).²⁸

No entanto, isso não acontece, essa identificação de herói nunca chegou. Ele e a esposa esperam pacientemente uma carta por mais de 30 anos. Infelizmente, a sua glória não é nem será eterna. O Coronel, tenta “decidir se sua vida deve ou não causar um impacto que persista após sua morte” (Bauman, 2008, p.30), ao arriscar a pele na guerra pelo bem do povoado.

Bauman (2008) afirma que a vida está ligada intrinsecamente a essa ideia de “glória”, de não viver sem ter feito algo que cause um impacto no mundo. Assim, a personagem pretende encaixar-se no que o autor denomina como *imortalidade personalizada*, ao qual o indivíduo “deixa uma marca” como prova de um esforço feito em vida. Esse ato de receber do Estado um pagamento de pensão alimentícia, para o Coronel, configura-se como uma forma de ser reconhecido pelos trabalhos prestados durante a Guerra Civil em seu país. “[...] Arriscamos nossa pele para salvar a República.” (Márquez, 2022, p.36). Apesar disso, ele percebe, através da realidade exposta pela sua esposa, que está só, não é lembrado pelas suas lutas (Márquez, 2022, p.93): “[...] Também tinha direito à pensão de veterano, depois de arriscar a pele na

²⁸ Trecho da obra, *Cem anos de solidão* (1967) em que aparece a figura do Coronel. Em *Ninguém escreve ao Coronel*, (1961) esse trecho aparece em uma noite de delírio/sonho da personagem.

guerra civil. Agora, todos estão com a vida assegurada e você, morrendo de fome, completamente só”. O direito à fama e à glória é negado ao Coronel.

Outrossim, para o autor (2008, p.31): “Ser um indivíduo significa destacar-se na multidão; ter um rosto reconhecível e ser conhecido pelo nome; evitar ser confundido com quaisquer outros indivíduos e assim preservar sua própria *ipséité*”²⁹. No entanto, essa proposição torna-se contraditória à vivência do Coronel, se pensarmos que a personagem não possui identificação ou nome, sua “fama” é pertencer à uma categoria, é tudo o que lhe pode garantir uma notabilidade, pois sua existência individual foi esquecida pelo Governo. A sua alcunha de Coronel é tudo o que lhe resta, sem nome, sem uma boa condição de vida, sem o filho e sem a glória que espera, esse homem torna-se um ninguém para a sociedade.

No romance, observamos a presença da morte permear, desde o início, a vida do casal, a partir do falecimento do filho Agustín, morto pela repressão policial, no local onde ele e os amigos se reuniam para as brigas de galo e que agia na clandestinidade distribuindo panfletos com informações políticas subversivas. De acordo com Bauman (2008), aqueles que não conseguem a imortalidade personalizada, ou seja, deixar uma marca memorável, tornam-se parte da *imortalidade despersonalizada*, a qual o que vai causar impacto é a forma como morrem. Dessa forma, a morte do filho torna-se símbolo de resistência frente à situação de ditadura e violência política que assolava o povoado da costa norte da Colômbia. Para o Coronel, a permanência do galo na casa da família, contrariando as ordens da mulher de vendê-lo, representa o reconhecimento, o qual ele espera pelo Estado, perante os habitantes do povoado, visto que, o animal da família é considerado o melhor nas lutas, além de uma homenagem à memória do filho.

A presença da morte enquanto símbolo de resistência também aparece em um primeiro momento da narrativa, quando a personagem do Coronel está se preparando para acompanhar um cortejo fúnebre. Esse enterro é de um jovem músico, primeiro a morrer de forma natural, após o fim da ditadura no povoado. Essa morte é significativa para a narrativa, pois demonstra que, apesar dos moradores acharem que a ditadura acabou e com isso, as mortes, a vida, em seu curso natural, mostra que a morte ainda os permeia. Além disso, a morte do jovem músico vai na contramão da morte de Agustín, embora ambas signifiquem símbolos de resistência contra a ditadura, apenas a morte do filho do Coronel é lembrada no desenrolar da obra. Nesse sentido,

²⁹ “Termo filosófico que significa aproximadamente “o poder de um sujeito pensante de representar a si mesmo independentemente das mudanças físicas e psicológicas que possa vir a sofrer ao longo da sua existência”. (N.E.) (Bauman, 2008, p.43)

convém retomar o que Bauman (2008) afirmou sobre a ideia de *imortalidade despersonalizada* não importa quem morre, mas como isso acontece, a “marca” que será lembrada por tempo infinito. Para Bauman (2008, p. 32):

O que vai causar esse impacto, contudo, e deixar marcas profundas no tempo infinito. É a forma como eles *morrem*. Incapazes de alcançar a imortalidade por meio da *vida eles* a obtêm assim mesmo por meio da *morte*. Isso faria da morte um meio de produzir algo muito mais sólido permanente, confiável e significativo do que a sua existência individual, monótona, insípida e pouco atraente, privada da oportunidade de tornar a sua presença sentida e notada ainda em vida. É pela sobrevivência desse algo que eles mesmos podem atingir a imortalidade-por procuração – transformando sua morte numa oferenda por uma *causa* (eterna, ao que se espera) (grifos do autor).

Assim, ao ter sido morto em um momento delicado da história política da comunidade, por portar panfletos revolucionários enquanto o povoado estava sob censura, Agustín é visto com um herói e conseqüentemente, a sua presença será relembrada na memória de todos do povoado como uma voz honrosa contra a tirania

5.5 Zangou-se o Coronel, pela primeira vez dando-se conta da sua solidão³⁰

A solidão assume o papel de uma personagem constante das obras de Gabriel García Márquez, embora as histórias sejam repletas de pessoas, animais, narrativas, cada um, de modo particular, está sozinho. Para Gabriel García Márquez não há “ninguém que em certa medida não se sinta solitário [...] creio que o homem está completamente sozinho” (Llosa, Márquez, 2022, p. 42). A solidão, para Márquez, é parte fundamental da vivência humana, sobretudo, é uma característica latino-americana. Além disso, para o autor, a solidão do homem latinoamericano é resultado da sua alienação.

Conforme afirma Minois (2019, p. 01): “[...] a solidão é uma constante na história, [...], o que faz dela um elemento essencial da condição humana”. Ainda de acordo com o autor: “o mundo latino tem uma visão negativa da solidão, que considera ser uma situação insuportável para um homem normal.” (2019, p.19). A ideia negativa da solidão vem do fato dela estar atrelada ao fracasso ou ao desamparo. No mundo contemporâneo, e com o advento das tecnologias, solidão é sinônimo de esquecimento. Ser esquecido é solitário. Minois (2019, p.410) aponta que “[...] os que fracassam em atingir o modelo que fixaram para si se desvalorizam a seus próprios olhos e tornam-se angustiados”. Todos aqueles que não atingem um modelo ideal de vida perfeita, segundo a sociedade, estão predestinados à solidão, à derrota: “[...] O indivíduo, mais do que confrontado com a obrigação de fazer escolhas a todo

³⁰ (Márquez, 2022, p. 36).

momento, sente-se plenamente responsável por seus fracassos [...] O indivíduo, além disso, tem o dever de se realizar” (2019, p. 410).

Em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), a personagem principal busca incessantemente uma realização pessoal e profissional que desde o início estava fadada ao fracasso. Durante meio século, o Coronel aguarda uma resposta sobre a pensão dos veteranos de guerra e para ele, a carta chegará um dia, no entanto todos os seus companheiros de guerra, iguais a ele, morreram esperando o Correio. O Coronel é um homem sozinho no mundo, ainda que, pertença a um grupo, que conviva em sociedade, a sua existência é solitária, não há um semelhante que lute pelos mesmos ideais e que acredite nas mesmas coisas. No fim, é ele por ele mesmo: “um homem solitário, sem outra ocupação a não ser a de esperar o correio das sextas-feiras” (Márquez, 2022, p. 25). Ao ir atrás do advogado para que ele agilize os processos, o Coronel se dá conta de que toda a luta que vem travando por uma vida inteira é uma causa perdida, visto que, ele é o único que ainda espera por uma resposta:

[...] – Mas a união faz a força. – Nesse caso não fez – zangou-se o Coronel, pela primeira vez, dando-se conta da sua solidão. – Todos os meus companheiros morreram esperando o correio. O advogado continuou impassível. – A lei foi promulgada demasiadamente tarde – explicou. – Nem todos tiveram a sua sorte, que chegou a coronel aos vinte anos de idade. [...] A mesma história de sempre. Cada vez que ele a escutava sofria um surdo ressentimento. (Márquez, 2022, p.36).

Para Minois (2019, p.421), o drama da solidão nos acompanha desde a parte primeira da existência, ou seja, desde o nascimento “[...] quando fomos lançados ao mundo, expulsos à força para fora da segurança do ventre materno: encontramos-nos irremediavelmente sós, e desde então cada um traz em si essa solidão interiorizada.” A vida do Coronel sempre – ou quase – foi solitária. A existência desse homem “seco, de ossatura sólida, articulado a porca e parafuso” (Márquez, 2022, p.10) é partilhada com a solidão. Embora esteja em uma posição hierarquicamente superior, o Coronel não tem a quem recorrer nos momentos de dificuldade, não possui amigos, e já não tem mais a presença física do único filho que tivera. Mesmo que não transpareça, em alguns momentos da narrativa, o Coronel sente no íntimo o quanto está só, principalmente ao esperar as cartas do Correio no porto.

Para ele, *ninguém* – no estrito sentido da palavra – lhe escreve ou lembra de sua existência: “[...] – Também não esperava nada – mentiu. [...] – Eu não tenho quem me escreva.” (Márquez, 2022, p. 19), ainda que não demonstre às pessoas ao seu redor: “– Você também tinha direito à pensão de veterano, depois de arriscar a pele na guerra civil. Agora, todos estão com a vida assegurada e você, morrendo de fome, completamente só. – Não estou só – defendeu-se o marido.” (2022, p.93). A esposa do Coronel, personagem que o acompanha na

saga da carta, sabe que o marido está sozinho no mundo, que ele não tem a quem pedir ajuda, além de morarem um ponto isolado do povoado.

Além da solidão de ser só, o Coronel vivencia a solidão com a própria esposa. Os dois compartilham apenas da existência um do outro, pois “o casal morava no extremo da cidade, em uma casa coberta de palha e de paredes de cal esburacadas” (Márquez, 2022, p. 10). Notase então que eles estão em um ponto isolado do povoado e as únicas visitas que recebem são do médico e dos amigos de Agustín. Para Minois (2019, p. 419): “Nunca somos mais privados de proteção contra o sofrimento do que quando amamos, nunca somos mais infelizes e desamparados do que quando perdemos o objeto amado ou o amor”. Na obra, o Coronel e a esposa compartilham da mesma solidão: a de estarem a sós, mas acompanhados, embora vivam sob o mesmo teto, eles não compartilham mais o amor no sentido romântico da palavra, algo entre eles se perdeu durante a vida: “O Coronel comprovou que quarenta anos de vida em comum, de fome em comum, de sofrimentos comuns, não lhe bastaram para conhecer sua mulher. Sentiu que também no amor alguma coisa tinha envelhecido” (Márquez, 202, p. 63).

Durante os anos de casados, eles compartilham da mesma dor: a morte do filho, os dois vivem a máxima do “o amor que é paciente, que tudo sofre, tudo crê, tudo suporta.”³¹, mas sem o amor, apenas com o sofrimento e com a paciência de esperar a bonança. Além disso, os dois a todo momento travam uma tensão silenciosa, como se não se conhecessem ou fossem estranhos um ao outro. Isso fica evidente quando o Coronel não sabe o que se passa na própria casa, quando a esposa precisa ferver pedras para que os vizinhos não percebam que os dois não têm o que comer e essa situação é desconhecida para o Coronel, pois ele só tem em mente a carta do Governo e a luta do galo: “[...] O Coronel amargurou-se. – De modo que todo mundo agora sabe que a gente está passando fome. – Estou cansada – balbuciou. – Os homens não veem os problemas da casa. Várias vezes botei pedra para ferver a fim de que os vizinhos não soubessem que levamos dias e dias sem pôr panela no fogo. O marido ofendeu-se mais ainda. – Uma verdadeira humilhação – disse.” (Márquez, 202, p. 63). Na visão da esposa, o Coronel é alheio a tudo que acontece com ela, inclusive, dando preferência de comida ao galo, enquanto ela definha cada vez mais:

[...] Durante o almoço o Coronel compreendeu que a mulher fazia força para não chorar. A certeza era alarmante. Conhecia o caráter da companheira, naturalmente duro e enrijecido mais ainda pelos quarenta anos de amargura. A morte do filho não

³¹ Trecho bíblico retirado de: 1 Coríntios 13:4-7 “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. 5 Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. 6 O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. 7 Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

lhe arrancara uma lágrima. [...] – Você não tem consideração – disse ela. O marido não respondeu. – É uma pessoa teimosa, obstinada e mal-agradecida – continuou. [...] – Eu, a vida inteira comendo terra, para acabar agora merecendo menos consideração que um galo. – É diferente. – É a mesma coisa – insistiu a mulher. – Você devia observar que estou morrendo, que isto que eu tenho não é doença, mas agonia (Márquez, 2022, p. 91).

O amor dos dois a todo momento é lembrado a partir do início do casamento ou quando Agustín era vivo: - “[...] O Coronel lembrou-se de outra época. Viu a si mesmo com a mulher e o filho assistindo, debaixo do guarda-chuva, a um espetáculo que não foi interrompido, apesar do mau tempo.” (Márquez, 2022, p. 86). Como podemos ver, o que fica entrelinhas é que há vontade de retomar esse tempo, ao amor de outrora, quando os dois ainda eram jovens. Agora, assim como o tempo, o amor envelheceu. Dos quarenta anos de casamento, o que restou foi apenas amarguras, incertezas e a memória de um filho morto. Consoante Comte-Sponville (*apud* Minois, 2019, p. 427): “o amor é solidão, sempre; não que toda solidão seja amante, longe disso, mas porque todo amor é solitário.” Nesse sentido, o Coronel e a esposa são duas almas que estão entrelaçados pela mesma solidão, e, no fundo, talvez a tão desejada resposta da carta seja também uma forma deles esperarem a volta do amor e da vida plena a dois.

6 A SIMBOLOGIA MARQUEZIANA

As obras de Gabriel García Márquez guardam preciosas imagens e símbolos que enriquecem as suas histórias e as transformam em narrativas únicas. Amendoeiras, bichos, borboletas, diversos animais e acontecimentos mágicos que fogem à realidade estão a todo momento nas linhas dos seus livros. Nesse sentido, essa construção simbólica pode ter relação com o mágico/fantástico, estética literária adotada pelo autor. Conforme Canon et al. (2016), o Realismo Mágico é um movimento literário onde elementos fantásticos ou bizarros aparecem de forma natural em uma criação literária. O termo surgiu, de acordo com o autor³², em 1920 para descrever obras de artistas alemães que emergiam àquela época. A expressão passou a ser usada também no ramo literário, quando algumas obras de escritores latino-americanos começavam a emergir, como J. Luís Borges e Alejo Carpentier, vistos como precursores do movimento. Gabriel García Márquez, entre 1960 e 1970, trouxe ainda mais visibilidade quando se consagrou como escritor durante o *boom* literário.³³ Esse movimento, encabeçado por Gabriel García Márquez e outros autores, projetou obras que antes eram lidas apenas na América Latina para países do mundo todo, além de autores europeus e norte-americanos, que ditavam o cenário literário, adotarem esse estilo ou elementos em suas obras.

O Realismo Mágico traz como marca informações ou eventos extravagantes e “exageradamente sobrenaturais ao lado de acontecimentos cotidianos do mundo real, de tal forma que os fenômenos estranhos parecem absolutamente normais” (Canon *et al.*, 2016, p. 302). Em sua maioria, os enredos são cheios de voltas, mundos apresentados de forma detalhada e com cores e personagens exagerados, acrescentando às obras ainda mais complexidade aos fatos narrados. Ademais, segundo Canon *et. Al* (2016), os leitores que leem literatura fantástica precisam fazer uma leitura mais atenta, uma vez que os enredos apresentados, em sua maioria, conforme dito anteriormente, apresentam fatos desconcertantes que dissociam da realidade e podem causar estranheza a um leitor mais desatento.

Após a publicação de *Cem anos de solidão* (1967), obra referência no âmbito das narrativas fantásticas, os trabalhos posteriores de Gabriel García Márquez passaram a ter mais notoriedade e a abordar de forma mais concisa e expressiva tais situações extraordinárias. A misticidade e as simbologias são aspectos fundamentais na criação de enredos, personagens,

³² Cf. Canon *et. al* (2016, p. 202).

³³ cf. Canon *et al.* (2016, p. 282). Entre 1960 e 1970, diversos escritores da América Latina encabeçaram um movimento conhecido como “*boom latino-americano*”. As obras que eram lidas apenas em territórios latinos, ganharam uma divulgação mundo afora. Autores como Gabriel García Márquez, Vargas Llosa, Júlio Cortázar e tantos outros romperam as barreiras eurocêntricas, trazendo à tona narrativas que antes não apareciam nos livros.

cenários etc., são a gênese da criação literária do autor. Para Chevalier (2016, p.14), os símbolos têm a “propriedade excepcional de sintetizar, numa expressão sensível, todas as influências do inconsciente e da consciência, bem como das forças instintivas e espirituais, em conflito ou em vias de se harmonizar no interior de cada homem”. Nesse sentido, *Ninguém escreve ao Coronel* (1961) carrega em sua história alguns símbolos que fazem a diferença para a compreensão da obra. A seguir, analisaremos dois símbolos que aparecem de forma recorrente: as menções ao mês de outubro e a criação de um galo de briga.

6.1 Outubro era uma dessas raras coisas que chegavam³⁴

Para Gabriel García Márquez, o décimo mês do calendário sempre foi um presságio de maus augúrios, carregando uma alma obscura e melancólica. Em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), outubro é o mês das fortes chuvas intermináveis no povoado e dos ataques viscerais do Coronel. E apesar do mês mencionado ser um dos maiores símbolos presentes na obra, a aparição do mês não é única do *corpus* analisado. De acordo com Gerard Martín (2009, p.44), biógrafo do autor, “outubro seria sempre o mês mais desolador e mais triste, tempo de augúrio maléfico nos romances de Gabriel García Márquez”.³⁵ Isso ocorre pela conjunção de diversos fatos negativos³⁶ que aconteceram ao longo da vida de Gabriel García Márquez.

Em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961), outubro aparece no início da narrativa quando o Coronel se prepara para ir à rua acompanhar um cortejo fúnebre, no mesmo instante que a personagem sente as suas dores viscerais “o Coronel como que sentiu brotar de suas tripas cogumelos e lírios malignos. Era outubro” (Márquez, 2022, p.05). Mais adiante na narrativa, a personagem retorna a “maldizer” o mês, este que traz sua doença: – Não estou doente – contestou o Coronel. – Acontece que em outubro eu me sinto como se estivesse com as tripas cheias de bichos.” (Márquez, 2022, p.14). Outubro se manifesta no corpo do Coronel como um animal repulsivo, maligno, fúnebre. Além disso, é o mês das chuvas na narrativa “Chovia manso, sem parar” (Márquez, 2022, p. 07) trazendo o aspecto nebuloso a trama.

Reforçando ainda mais a negatividade trazida pelo mês de outubro à vida do Coronel, sempre ao se referir as suas doenças a personagem complementa suas falas alegando que só

³⁴ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Ninguém escreve ao coronel*. Tradução de Danúbio Rodrigues. Rio de Janeiro, Record. 34º ed. 2022, p. 05.

³⁵ Do original “[...] pero octubre seria siempre el mês más aciago, la época de los malos augurios, en las novelas de Gabriel García Márquez.”

³⁶ No mês de outubro, o coronel Nicolás Márquez assassinou Medardo Pacheco, em nome da honra da família Márquez-Iguarán e que levou o coronel a cumprir um ano de sentença na prisão. É também o mês do fatídico e violento assassinato do general Rafael Uribe Uribe.

está do jeito que está por causa da época: “– Não estou doente – contestou o Coronel. – Acontece que em outubro eu me sinto como se estivesse com as tripas cheias de bichos.” (Márquez, 2022, p. 14). Os espasmos viscerais do Coronel também afloram nessa época, isso acontece pelo fato de começar o mês de chuvas na narrativa e, conforme dito em tópicos anteriores, a família é extremamente pobre. A casa não tem boas condições para que um casal idoso viva adequadamente. Assim, em diversos momentos da novela, o Coronel sofre exaustivamente nas latrinas, feitas de madeiras e, aparentemente, no lado externo da casa “Acocorado na plataforma de tábuas ásperas, experimentou o desgosto do desejo frustrado. O aperto foi substituído por uma dor surda no tubo digestivo. – Não há dúvida – murmurou. – Sempre me acontece isso em outubro.” (Márquez, 2022, p. 21). Além disso, há um costume popular entre pessoas mais idosas de que as doenças se intensificam conforme as épocas do ano, nesse sentido, confirma-se a ideia do Coronel de maldizer o décimo mês.

Por fim, quando o mês de outubro termina na narrativa, há uma marca de temporalidade que avança direto para o mês de dezembro, novembro é descrito apenas em uma frase no meio da narrativa. No último capítulo, quando o décimo segundo mês do ano se inicia, o Coronel percebe através do seu corpo e das chuvas que findaram, ao despertar pela manhã:

Não foi necessário abrir a janela para identificar o mês de dezembro. O Coronel sentiu-o nos próprios ossos enquanto picava, na cozinha, as frutas para o desjejum do galo. Depois abriu a porta e a visão do quintal confirmou a sua intuição. Era um quintal maravilhoso, com a erva e as árvores e o quartinho da privada flutuando na claridade, a um milímetro do chão (Márquez, 2022, p. 81).

Para o Coronel, a bonança e as coisas boas virão no próximo mês, pois em janeiro é a data da tão sonhada e esperada briga na rinha do galo de Agustín. Assim, os dois símbolos que mais aparecem durante a narrativa configuram o ar lúgubre na vida do Coronel, para que ele encontre o ouro no final arco-íris – ou numa rinha de galos – há de enfrentar muitas chuvas e tempestades.

No tópico a seguir, abordaremos como o galo está ligado à história e à vida do Coronel. Analisaremos a visão simbólica que a esposa e mãe de Agustín tem do animal e o que ele significa não só para família, mas para todo o povoado. O galo, na narrativa, é mais que um animal de rinhas ou de estimação, é um símbolo de esperança e de luta política.

6.2 O galo ou a vida, Coronel³⁷

As obras de Gabriel García Márquez costumam ser cheias de elementos, símbolos, pessoas, casas e, principalmente, bichos, desde insetos à animais maiores. De acordo com Joset (1974, p. 65), o bestiário do autor é “um elemento essencial do mundo novelesco de Gabriel García Márquez.”³⁸ Em *Ninguém escreve ao Coronel* (1961) temos a presença, quase como a do protagonista da novela, de um galo de briga que pertencia ao filho do Coronel, e visto por todo o povoado como um símbolo de resistência e orgulho local. O animal de estimação chegou à família através do filho Agustín, frequentador assíduo das brigas nas rinhas do povoado. Após a sua morte, dentro de um desse locais, por carregar papéis subversivos no bolso, enquanto o povoado ainda vivia sob o governo ditatorial, o Coronel decide criar o galo para que ele dispute a luta que Agustín o treinava e para dar continuidade ao legado do filho, honrando a memória e preservando a esperança e os ideais de luta que Agustín representava: “[...] Teve a certeza de que isso justificava a sua determinação de conservar o galo, herança do filho crivado de balas na rinha, nove meses atrás, por distribuir panfletos subversivos.” (Márquez, 2022, p. 16). Todos os que moram nesse povoado, resistem, inclusive um galo de briga.

A representatividade do galo vai além de um simples animal de estimação, é a voz e a fé inabalável do Coronel contra a repressão, a ditadura, ao que fizeram com seu filho. Ademais, o animal também é a razão pela qual a personagem do Coronel vivia, os cuidados com o bicho também servem como uma forma de distração quando ele não estava à porta do Correio esperando a carta ou ocioso em casa: “O Coronel cuidou do galo, embora preferisse passar toda a quinta-feira na rede.” (Márquez, 2022, p. 15). Para a personagem, o galo é uma extensão de Agustín e mantê-lo bem e alimentado, é também manter o filho bem: “[...] – É por Agustín – disse o marido, com o argumento previsto. – Imagine a cara dele quando viesse comunicar pra gente a vitória do galo” (Márquez, 2022, p. 56). Antes de ser morto pelo soldado, o rapaz preparava o galo para a grande luta, nesse sentido, na visão do Coronel, a vitória do galo é também a vitória de Agustín: “[...] O mais importante é que o galo de Agustín entre na arena pelas suas mãos. O Coronel pensou no assunto. – Eu sei – disse. – Por isso sustentei-o até agora.” (Márquez, 2022, p. 51) O galo simboliza a capacidade de vitória, mesmo em meio à pobreza e à desesperança.

³⁷ MÁRQUEZ, Gabriel García (2022, p.61).

³⁸ Do original “Quisiera analizar un raso estilístico de dicha obra, que es, segundo pienso, un elemento esencial del mundo novelesco de García Márquez.”

Outrossim, a permanência do galo de briga no contexto da obra, representa uma forma de poder e resistência, uma vez que, todos que residem no povoado aguardam ansiosamente pela fatídica luta e espera-se que ele seja o vencedor: “[...] – Mostram-se entusiasmados – informou o marido. – Estão economizando para apostar no galo.” (Márquez, 2022, p. 15). Os amigos de Agustín, também fanáticos pelas rinhas, acreditam no potencial: “[...] eles garantem que é o melhor do Departamento – argumentou o Coronel. – Vale uns cinquenta pesos.” (Márquez, 2022, p. 16) e na possível vitória do galo e auxiliam o Coronel com a alimentação, visto que o Coronel não tem mais de onde tirar subsídios para manter a forma do animal. No entanto, o Coronel não entende, à primeira vista, tamanha fascinação da comunidade pelo bicho: “[...] O Coronel observou a desproporção entre o entusiasmo da ovação e a intensidade do espetáculo” (Márquez, 2022, p. 85). O povoado: “jazia em uma espécie de modorra, estragada por dez anos de história. Nessa tarde (outra sexta-feira sem carta) aquele povo todo havia despertado” (Márquez, 2022, p. 86). Assim, compreende-se que o galo é, simbolicamente, uma estrutura se reerguendo após anos de uma política de violência ditatorial: “[...] E falaram que o galo não era nosso, mas de toda a cidade” (Márquez, 2022, p. 87). A luta e, conseqüentemente, a sua vitória é vista como uma glória depois de tanto sofrimento. De certo modo, ao aniquilar o seu adversário na rinha, o galo também derrotará os oponentes de todo o povoado: a violência e as marcas que esta trouxe.

Para o Coronel, além de ser uma marca de resistência, o galo se torna um símbolo de expectativas de um futuro melhor, uma vez que ele acredita que, ao vencer a luta, pode trazer glória e uma solução financeira para os problemas da família. O galo simboliza a capacidade de vitória, mesmo em meio à pobreza e à desesperança. Antes da luta há toda a ambição na sua vitória. No entanto, enquanto esse dia de glória não chega, ele e a esposa precisam se resolver, e ouvindo os apelos dela, o Coronel embora não deseje se livrar do animal, em determinado momento e por imposição da esposa, decide vendê-lo ao compadre Dom Sabas, homem com o maior poder aquisitivo do povoado.

Dessa forma, ele poderia conseguir algum dinheiro e satisfazer os desejos e angústias da esposa: “[...] – Então, não mais se pensa nisso – pediu. – Em quê. – Nessa questão do galo. Amanhã mesmo vou passá-lo adiante, ao compadre Sabas, por novecentos pesos” (Márquez, 2022, p. 65). Para Dom Sabas, o galo tem apenas valor mercantil, há um ceticismo que o impede de enxergar o valor real do animal para o Coronel, o compadre é um homem que se preocupa apenas com dinheiro: “[...] – Não seja bobo, amigo – disse. – Dom Sabas se interessa muito mais por dinheiro do que pela própria pele.” (Márquez, 2022, p.77). Adiante, o negócio com o

compadre Sabas não se conclui, por escolha do Coronel, ele decide que não vai entregar o bicho, tanto por uma questão financeira, como também pela memória afetiva que ele preserva do filho.

Percebe-se, no fim, que a intenção dele nunca foi vendê-lo, nem o entregar aos amigos de Agustín. A afeição e o simbolismo que o animal tem em sua vida tornaram-se maiores que o dinheiro a ser recebido, embora seja uma consequência bem vinda dada pelo galo caso saia vitorioso da luta. Já sua esposa e os demais personagens mostram ceticismo em relação ao valor real que o galo pode trazer. Essa situação reflete a profunda solidão do Coronel, que se apega ao galo como uma última conexão com algo maior — seja a memória de seu filho ou a esperança em dias melhores. A conexão que o Coronel mantém com o galo não é apenas de treinador com um animal de rinha, ali percebemos uma cumplicidade e amizade silenciosas, mas mútuas.

No decorrer da narrativa, compreendemos que a esposa do Coronel não desenvolve essa mesma fé e confiança no animal, para ela o galo é um sinal de pessimismo: “[...] Dirigiu ao animal um olhar sombrio. – Não sei quando me verei livre desta ave de mau agouro.” (Márquez, 2022, p.81), uma ave que trouxe a má sorte à família, desde a morte de Agustín:

Ela pronunciou uma a uma as palavras, com precisão calculada. – Dê um fim a esse galo, imediatamente. O Coronel já previra esse instante. Esperava-o desde a tarde em que crivaram o filho de balas e ele decidiu conservar o galo. Tivera tempo para pensar. – Agora não vale a pena – argumentou. – Daqui a três meses haverá rinha e então poderemos vendê-lo por um preço melhor. – Não é questão de dinheiro – rebateu ela. – Quando os rapazes chegarem aí, diga a eles para levarem; e que façam desse bicho o que bem entenderem. – É por Agustín – disse o marido, com o argumento previsto. – Imagine a cara dele quando viesse comunicar para a gente a vitória do galo. A mulher pensou efetivamente no filho. – Esses galos malditos foram a sua perdição – gritou. – Se no dia três de janeiro ele tivesse ficado em casa, não seria surpreendido pelo azar (Márquez, 2022, p.46).

Para ela, o importante não é a vitória do galo daqui a alguns meses, mas a vida deles enquanto o animal não ganha a luta e todas as consequências que ele trouxe para eles: a morte do filho, a falta de utensílios para vender, não comer, e o pouco que ainda lhes restam dar ao galo: “[...] é pecado se tirar da nossa boca para dar a um galo” (2022, p.46); a incerteza da vitória e, conseqüentemente, a espera de um lucro que pode não vir, assim como a carta:

Que se pode fazer se a gente não pode vender nada – repetiu a mulher. – Então, já será vinte de janeiro – disse ele, perfeitamente lúcido. – Os vinte por cento são pagos no mesmo dia. – Isso, se o galo ganhar – insistiu a mulher. – E se perder, você já pensou que o galo pode perder. – Um galo desses não pode perder. – Suponhamos que perca. – Faltam ainda quarenta e cinco dias para se pensar nessa hipótese. A mulher desesperou-se. – Enquanto isso, o que é que nós vamos comer – perguntou, agarrando o Coronel pelo colarinho (Márquez, 2022, p.94).

Segundo Chevalier (2001, p.457), o galo é comumente atrelado a um simbolismo solar, “porque seu canto enuncia o nascimento do Sol”, pois na tradição japonesa, há uma crença de que o canto do galo era responsável pelo brilho do sol, caso contrário, não brilharia. Além disso,

“[...] A virtude da coragem, que os japoneses atribuem ao galo, lhe é atribuída também em outros países do Extremo oriente, onde o galo tem papel especialmente benéfico: primeiro porque o sinal que o designa em chinês (ki) é homófono do que significa ‘bom augúrio’, ‘favorável’” (Chevalier, 2001, p. 457). Para o Coronel, o galo é símbolo da chegada do bom tempo na família e, para além disso, o galo é uma metáfora da sua perseverança e insistência teimosa. O canto do galo, assim como anuncia a chegada do Sol, anuncia também os bons tempos na vida da personagem: o Coronel permanece esperando pela pensão e por uma mudança em sua vida, recusando-se a desistir de suas crenças, mesmo quando tudo ao seu redor indica o contrário. “[...] – Tenho a impressão que esse não chegará nunca – disse ela. – Chegará. – E se não chegar? Ele não encontrou voz para responder. Ao primeiro canto do galo, tropeçou com a realidade, mas voltou a submergir em um sono denso, seguro, sem remorsos. Ao despertar, o sol já ia alto.” (Márquez, 2022, p. 90).

Na narrativa, há duas certezas: a de que o galo vai cantar ao amanhecer e o Coronel esperará o Correio todas as sextas-feiras. O galo se torna uma extensão da obstinação do Coronel em resistir ao tempo e à realidade, simbolizando sua luta contínua por dignidade e reconhecimento. Assim como ao nascer do sol uma nova vida se inicia, ao canto do galo a esperança da chegada da carta permanece na vida do Coronel.

A aparição do galo na narrativa não é apenas mero acaso, ele é a parte fundamental no desenvolvimento do Coronel. É a partir da sua permanência na casa da família que descobrimos o real motivo da morte de Agustín ou as intenções dos habitantes do povoado com a sua vitória na luta e o valor mercadológico que ele tem para Dom Sabas. A sua figura também demonstra a impaciência da esposa com as esperas do Coronel ou o que ele significa para Alfonso, Germán e Álvaro, amigos de Agustín. O galo é a voz de todos os personagens, ele é a razão e a emoção na obra, além de um símbolo de esperança, resistência política ou de mau-agouro, o galo é a representação e a personificação do íntimo de cada um, a sua vitória na luta, é, também, a glória de todos os outros personagens da obra.

O galo é parte fundamental da narrativa, pois é a partir da sua existência que descobrimos algumas nuances de outros personagens, sobretudo do Coronel. O animal é uma extensão do Coronel, ele é a esperança de dias melhores na vida, não só da personagem principal, mas de todo o povoado, ele é a representação política de um povo que espera se ver livre das amarras e repressões da ditadura política. Além disso, o galo tem um simbolismo para a esposa do Coronel que vai na contramão do tradicional, vinculado ao solar, para ela a

permanência do animal em suas vidas é sinal de negatividade e mau-agouro e que trouxe a morte de seu filho Agustín.

Percebe-se, então, que o galo é o que interliga todos os personagens. Todas as vidas, no mínimo que seja, são influenciadas por ele, seja na sua vitória ou seja na sua derrota na luta. Embora a personagem principal seja o Coronel, o animal tem a sua parcela de importância na narrativa, assim como o canto do galo determina o nascer do Sol e o recomeço de uma nova vida, a luta definirá o recomeço - ou não - da vida do Coronel e de todos ao seu redor.

7 CONCLUSÃO

Analisar literariamente uma personagem é sempre um desafio, pois cada uma traz nuances e aspectos que determinam o desenrolar da narrativa. Maior ainda é o desafio de analisar uma personagem de Gabriel García Márquez, visto que seus protagonistas possuem um grau de complexidade que, em um primeiro momento, causa estranhamento, mas os solidifica como seres incompletos e singulares, suscetíveis à afeição ou indiferença. Eles se distanciam da visão comum de um protagonista idealizado, que não erra ou coloca o bem alheio acima de si mesmo.

Convém destacar que a construção do Coronel em *Ninguém Escreve ao Coronel* (1961) apresenta aspectos que, à primeira vista, parecem convergir, mas que, ao final, estão interligados por um mesmo fio: a individualidade. O que move essa personagem, estagnada em seu próprio tempo e espaço, é a espera por uma carta do governo. Durante meio século, a única coisa que ele fez foi esperar por algo que acreditava ser seu, por dever e por direito. Sua escolha de depositar toda a expectativa e fé no que considerava certo determinou o curso de sua juventude e de sua velhice, além de definir a vida de sua família.

A novela de Gabriel García Márquez traz, na história do Coronel, protagonista da obra, as marcas e consequências desse longo tempo de espera e de isolamento: desde o silêncio das instâncias governamentais até sua velhice vivida em condições mínimas de conforto, devido à miséria em que se encontra. A obra aborda também a violência na Colômbia e suas consequências diretas na vida do Coronel, como a morte de Agustín, além da solidão que sente ao ver todos os seus companheiros de guerra morrerem sem receberem a resposta que mereciam e sem o amparo de que precisavam, restando-lhe como única herança um galo de briga.

Nesta conclusão, pretende-se mostrar que todos os aspectos citados e analisados ao longo deste trabalho constituem uma parte importante, não apenas para a personagem, mas para o desenvolvimento da narrativa em si. Em certos momentos, um aspecto se sobressai a outro, interligando-se; além disso, esses acontecimentos refletem a sociedade latino-americana. Em suas obras, Gabriel García Márquez retrata as riquezas e dores de um povo que, por muito tempo, foi relegado a segundo plano. Por meio de suas histórias, compreendemos a realidade política e social de uma sociedade silenciada e marginalizada pela cultura eurocentrista e por seus próprios governantes.

Em *Ninguém Escreve ao Coronel* (1961), as relações de poder controlam a sociedade a todo momento, de uma forma ou de outra, seja por meio do silêncio, seja pela violência. Observa-se que, ao não dar uma resposta sobre a pensão vitalícia, o Governo estabelece um

jogo de poder que regula coercitivamente a vida do Coronel: sua expectativa depende dessa resposta, mas, sem ela, ele permanece parado no tempo, aguardando. Esse silêncio do Governo funciona como uma espécie de resposta implícita, indicando que o Coronel não receberá a aposentadoria, independentemente do que fez pelo país ou do tempo que espera.

Quando o Coronel não recebe uma carta do Governo, ocorre uma manipulação social que o força a viver de forma passiva, aguardando essa resposta interminavelmente: “[...] – Nada para o Coronel? Este sentiu o terror. O funcionário atirou a sacola ao ombro, desceu o embarcadouro e respondeu sem voltar a cabeça: – Ninguém escreve ao Coronel” (Márquez, 2022, p. 33).

Nota-se, assim, a presença de um silêncio fundador, baseado no que está subentendido na ausência de palavras, ou seja, no que não é dito explicitamente, mas fica nas entrelinhas; e também uma violência psicológica do Estado, ao não conceder ao Coronel o que lhe é de direito, pois ele participou ativamente da Guerra dos Mil Dias (1899-1902). Esse evento histórico alterou os rumos da Colômbia e vitimou mais de mil pessoas.

Durante a guerra, os oficiais decidiram pôr fim aos combates por meio da assinatura do Tratado de Neerlândia, documento lembrado pelo Coronel ao longo da narrativa. Após o término da guerra, o Governo promulgou uma lei de pensões para os veteranos. Desde então, o Coronel não teve mais um minuto de sossego: “[...] Dezenove anos atrás, quando o Congresso Nacional promulgara a lei, iniciou-se um processo de justificação que durou cerca de oito anos. Depois foram necessários mais seis para ele ser incluído no quadro. Foi a última carta que o Coronel recebeu.” (Márquez, 2022, p. 34).

É válido destacar também a relação entre o silêncio e a violência, ou a violência psicológica, uma vez que o Estado de Sítio e a violência pós-ditadura, instaurada na comunidade onde o Coronel vive, não desapareceram completamente:

[...] Foi aí que se ouviu um berro: – Pra onde vão com esse morto? O Coronel levantou os olhos. Viu o alcaide na sacada do quartel em atitude discursiva. [...] Os músicos interromperam a marcha fúnebre. Instantes depois o Coronel reconheceu a voz do padre Ángel com o alcaide. Decifrou o diálogo através da crepitação da chuva nos guarda-chuvas. – Então? – perguntou Dom Sabas. – Então nada – falou o Coronel. – O caso é que o enterro não pode passar diante do quartel da polícia. – Ah, eu estava distraído – respondeu Dom Sabas. – Sempre me esqueço que estamos em estado de sítio. – Mas isto não é subversão – indignou-se o Coronel. – É um pobre músico morto! (Márquez, 2022, p.13).

A violência também se manifesta fisicamente, interligada à política silenciosa da ditadura. Agustín, filho do Coronel, foi morto durante esse período em uma rinha de galo por portar panfletos considerados "subversivos". O autor denuncia, assim, as barbaridades que

ocorreram durante os longos períodos de ditadura na sociedade colombiana, que, de certa forma, nunca se extinguíram completamente:

[...] Compreendeu então que caíra em uma situação fatal. [...] Foi quando viu pela primeira vez na vida, o soldado que disparou contra seu filho. Estava exatamente diante dele, o cano do fuzil apontando contra seu ventre. [...] O Coronel apertou os dentes e desviou suavemente o cano com a ponta dos dedos. – Com licença – pediu. – Enfrentou uns olhos pequenos e redondos, de morcego. Em um instante, sentiu-se tragado por eles, triturado, digerido e imediatamente expelido. – Tem toda, Coronel. (Márquez, 2022, p.79).

Ademais, é importante destacar que a violência e o silêncio estão interligados com a passagem do tempo na vida do Coronel. O longo período de espera pela carta faz com que o ciclo de vida da personagem se resume a apenas duas vertentes: o passado, em que serviu ao país como tesoureiro, participou da assinatura do Tratado de Neerlândia após a Guerra dos Mil Dias e viveu com a esposa e Agustín; e o futuro, cheio de glórias e reconhecimento, assim que a aposentadoria chegar.

Enquanto isso, para sua esposa, o presente é marcado pela miséria e pela doença, em que ambos aguardam por algo que não chegará, agarrando-se a uma luta repleta de incertezas sobre se o galo realmente ganhará:

Que se pode fazer se a gente não pode vender nada – repetiu a mulher. – Então, já será vinte de janeiro – disse ele, perfeitamente lúcido. – Os vinte por cento são pagos no mesmo dia. – Isso, se o galo ganhar – insistiu a mulher. – E se perder, você já pensou que o galo pode perder. – Um galo desses não pode perder. – Suponhamos que perca. – Faltam ainda quarenta e cinco dias para se pensar nessa hipótese. A mulher desesperou-se. – Enquanto isso, o que é que nós vamos comer – perguntou, agarrando o Coronel pelo colarinho (Márquez, 2022, p.94).

Percebe-se no trecho acima que a esposa é a voz racional da história; ela tem os pés no chão e busca garantir a sobrevivência dos dois enquanto ainda lhes restam alguns anos de vida, uma vez que já são idosos e a morte se aproxima cada vez mais. A individualidade e a irracionalidade do Coronel não lhe permitem perceber que a mulher está definhando e que eles já não têm o que comer, pois a única fonte de sustento da casa era Agustín. O protagonista, a todo momento, agarra-se a uma visão quimérica de um futuro com dinheiro e a glória que almeja, mas que não passa de uma esperança infundada. A esposa sabe que a carta não chegará e também reconhece a possibilidade de o galo perder, fazendo com que os dois continuem nesse ciclo sem fim de miséria e tempo perdido.

O Coronel destampou a lata do café e notou que apenas restava uma colherinha de pó. Tirou a panela do fogo e jogou no chão de barro batido a metade da água e raspou de faca todo o interior da vasilha, até botar na panela o que restava, uma mistura de raspas com ferrugem (Márquez, 2022, p.05).

Neste ensejo, é importante mencionar um eixo central da análise: a solidão. Embora o Coronel tenha a esposa, o galo, os amigos de Agustín, o médico e o compadre, ele é um homem enclausurado a si mesmo. Sua busca incessante pela glória eterna é solitária; ninguém mais está ao seu lado lutando pelos mesmos ideais, e todos os seus companheiros de guerra também morreram aguardando essa vitória.

Há um silêncio externo e interno ligado a essa solidão. O Coronel é um homem que espera a bondade dos outros; por isso, aguarda há tanto tempo uma resposta do Governo. Em relação aos protestos da esposa sobre o galo, suas respostas são sempre as mesmas: não há uma reação, apenas silêncio e aceitação da situação. Sua solidão é compartilhada com a esposa; os dois não vivem como um casal feliz, mas como duas pessoas que, embora tenham aguardado e permanecido juntas, tornaram-se indiferentes uma à outra.

[...] Durante o almoço o Coronel compreendeu que a mulher fazia força para não chorar. A certeza era alarmante. Conhecia o caráter da companheira, naturalmente duro e enrijecido mais ainda pelos quarenta anos de amargura. A morte do filho não lhe arrancara uma lágrima. [...] – Você não tem consideração – disse ela. O marido não respondeu. – É uma pessoa teimosa, obstinada e mal-agraçada – continuou. [...] – Eu, a vida inteira comendo terra, para acabar agora merecendo menos consideração que um galo. – É diferente. – É a mesma coisa – insistiu a mulher. – Você devia observar que estou morrendo, que isto que eu tenho não é doença, mas agonia (Márquez, 2022, p. 91).

Por fim, outro aspecto interessante analisado aqui são as simbologias presentes na vida do Coronel: o mês de outubro e a figura do galo de briga. Cada um, à sua maneira, constitui a personalidade do protagonista, pois é em outubro que o Coronel sente profundamente sua chegada através dos ataques viscerais. Além disso, é também o mês das chuvas, que agravam ainda mais a asma da sua esposa e as condições precárias da casa em que vivem.

Não foi necessário abrir a janela para identificar o mês de dezembro. O Coronel sentiu-o nos próprios ossos enquanto picava, na cozinha, as frutas para o desjejum do galo. Depois abriu a porta e a visão do quintal confirmou a sua intuição. Era um quintal maravilhoso, com a erva e as árvores e o quatinho da privada flutuando na claridade, a um milímetro do chão (Márquez, 2022, p. 81).

A obra em si é carregada por um tom pesado e lúgubre, resultado das misérias que o Coronel e o povoado enfrentam. No início da narrativa, deparamo-nos com um cortejo fúnebre em plena chuva de outubro. Mais adiante, tudo o que se segue são enredos sem finais felizes e a esperança incansável do Coronel à espera da carta do Governo. Para finalizar, a obra encerra-se com uma calorosa discussão entre o protagonista e sua esposa e, para concluir, ele, literalmente, retorna à questão visceral, trazendo ainda mais dramaticidade: “[...] Sacudiu-o com força. – Diga o que nós vamos comer? O Coronel precisou de setenta e cinco anos de sua vida, minuto a minuto – para chegar àquele instante. Sentiu-se puro, explícito, invencível, no

momento de responder: – Merda.” (Márquez, 2022, p. 95). Cabe aqui ressaltar que este é, em toda a narrativa, o único momento em que o Coronel “fala” o que realmente sente.

Além do mês de outubro, a simbologia está presente na imagem do galo de briga, que é quase um personagem principal da narrativa e determinará o futuro do Coronel. É através dele que o Coronel busca a calma e o dinheiro que ambos precisam para terminar a vida de forma confortável, antes que vença a hipoteca e eles a percam. Além disso, percebe-se que a insistência do Coronel para que o galo fique sob seus cuidados, contrariando as vontades da esposa, é uma forma de manter a memória do filho viva. O galo é a única coisa que seu filho deixou, e o pouco sustento que ele dá ao animal tem um fundamento claro: a vitória na luta significa a vitória do filho morto na ditadura. “[...] O mais importante é que o galo de Agustín entre na arena pelas suas mãos. O Coronel pensou no assunto. – Eu sei – disse. – Por isso sustentei-o até agora.” (Márquez, 2022, p. 51).

Do mesmo modo, para o povoado, o galo significa o levante contra um sistema opressor e violento: “[...] E falaram que o galo não era nosso, mas de toda a cidade” (Márquez, 2022, p. 87). Para todos, o galo simboliza a resistência e a esperança contra o obscurantismo; sua glória não é individual, mas coletiva.

Em conclusão, esta monografia surgiu a partir de uma inquietação e da vontade de ser diferente dentro da academia. As obras de determinados autores latino-americanos são pouco difundidas nas grades curriculares, e é preciso que o discente/pesquisador conheça e decida pesquisá-los, como é o caso de Gabriel García Márquez. Sua literatura contribui para o entendimento de aspectos inerentes às culturas sul-americanas, no entanto, ainda vemos uma predominância de obras eurocêntricas. Pouco a pouco, esse cenário está mudando; atualmente, observamos mais obras brasileiras, argentinas, espanholas etc., ganhando espaço dentro da sala de aula. A materialização deste trabalho contribui para que os Estudos Literários, sejam de narrativas ou de personagens específicas de Gabriel García Márquez, tenham continuidade e que haja contribuições às análises feitas aqui, pois nada é uma verdade absoluta. A cada leitura, a cada olhar, novas interpretações podem surgir. Espera-se que o Coronel ainda inspire muitos trabalhos e pesquisas sobre si.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro, Zahar. 1ºed. 2008.
- CANON, James et al. A literatura do pós-guerra 1945-1970 In: *O livro da literatura*. São Paulo, Globo Livros. 1º ed. 2016.
- CANDIDO, Antonio et al. A personagem de romance. In: *A personagem de ficção*. São Paulo, Editora Perspectiva. 11ºed. 2009 p. 24-36.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: LIMA, Aldo et al. *O direito à literatura*. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2012 p. 08-35. *E-book*.
- CÍCERO, Marco Túlio. Saber envelhecer. In: *Saber envelhecer e A amizade*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, L&PM POCKET, 1ª ed. 2021 p. 07-68.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio. 16ºed. 2001.
- CUNHA, Marina Procópio Rodrigues da. *Reconstruindo as representações dos veteranos da Guerra dos Mil Dias em Gabriel García Márquez*. 2011. Monografia (Bacharel em História) – Universidade de Brasília, 2011.
- JOSET, Jacques. *El bestiário de Gabriel García Márquez*. Nueva Revista De Filología Hispánica (NRFH), 1974, p. 65–87. Disponível em: <https://doi.org/10.24201/nrfh.v23i1.1623>
- LLOSA, Mario Vargas. MÁRQUEZ, Gabriel García. *Duas solidões: Um diálogo sobre o romance na América Latina*. Rio de Janeiro, Record. 1º ed. 2022 p.42
- LLOSA, Mario Vargas. García Márquez: *História de um deicídio*. Tradução de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro, Record. 1ºed. 2022.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Ninguém escreve ao coronel*. Tradução de Danúbio Rodrigues. Rio de Janeiro, Record. 34º ed. 2022
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Eu não vim fazer um discurso*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro, Record. 1º ed. 2011.
- MÁRQUEZ, Gabriel García Márquez. *Viver para contar*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro, Record. 13º ed 2023.
- MEDEIROS, Elizete Amaral de Medeiros. *Os dizeres do silêncio: apontamentos culturais sobre literatura e política*. Campina Grande, EDUEPB, 2016.
- MINOIS, Georges. A solidão, obsessão de intelectuais? (Século XX) In: *História da solidão e dos solitários*. São Paulo, Editora Unesp, 2019. P.409-455.
- OLIVEIRA, André Luis de. *Ninguém escreve ao coronel: o realismo histórico de Gabriel García Márquez*. Cerrados, Brasília, nº52, p. 172-191, maio, 2020.

PACHECO, Raysa Barbosa Corrêa Lima. *A presença do animal na produção contística e cinematográfica de Gabriel García Márquez (saberes animais e bestiários)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2016.

RAMA, Ángel. *La narrativa de Gabriel García Márquez: edificación de un art nacional y popular*. Bogotá: Colcultura, 1991.

RAMA, Ángel. *Un novelista de la violència americana*. Marcha. Montevideo nº 1201, 196.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida. Sobre a brevidade do sábio*. São Paulo, Pinguim Classics Companhia das Letras. 1º ed. 2017.

SILVA JÚNIOR, José Dantas da. *A solidão amorosa na literatura latino-americana em Memórias de minhas putas tristes de Gabriel García Márquez e Solidão Continental de João Gilberto Noll*. 2022. Tese (Doutorado de Pós-Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2022.

TODOROV, Tzevan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo, Editora Perspectiva. 4º ed. 1975.

TRAUMANN, Andrew. *Os Colombianos*. São Paulo, Editora Contexto. 1º ed. 2018.